

EXERCÍCIOS DE SEGUIMENTO LIMIAR

Ana Pacheco Gavião

Bolsa IAC Formação em Pesquisa 2025

Supervisão Galciani Neves

SUMÁRIO

6	Exercícios de seguimento limiar
16	Fósseis
46	Corredeira
50	Proposições
70	Estar-aí
74	Registros

A vontade de adentrar o acervo do IAC partiu do interesse pela característica processual dos materiais nele resguardados que possibilitam investigar um movimento ou uma anatomia da poética visual de um artista que perpetua no tempo, como cartas, projetos, cadernos, bibliotecas pessoais e fotografias. Documentos estes que permitem um acesso à prática artística em sua complexa temporalidade.

Com este ponto de partida, comecei a bolsa de pesquisa e logo na primeira visita ao acervo, na qual eu e as outras pesquisadoras passamos por todas as estantes e coleções ali presentes, fui apresentada aos cadernos de Antonio Dias. Entre as páginas de seus cadernos, encontrei alguns recortes de revistas/jornais, cartões e notas soltos, às vezes colados junto a

suas anotações ou mesmo na capa e alguns textos curtos com tom ácido e de leve humor, que me chamaram muito a atenção. Fiquei intrigada por uma recorrência que atribuí a imagens de caveiras, raio-x e corpos nus. Pareciam-me todas partes de um mesmo processo de dissecação do que é visto, principalmente do corpo humano.

Entre as orientações coletivas com Galciani Neves e as outras bolsistas, Amanda Sammour, Ana Sasaki e Karina Sérgio Gomes, e os diálogos com a assistente de museologia, Livia Bontempi Rizzi, chamou a minha atenção que o acervo da Iole também tinha uma impressionante coleção de cadernos. Curiosíssima, pedi logo para consultá-los também. Me deparei com uma série de cálculos e ensaios de curvas e pontos de fixação de estruturas no espaço.

Esse pensamento estrutural permeia também alguns escritos acerca das materialidades e o que é conjugado por elas que nem sempre é da ordem do visível, como por exemplo, o estado de suspensão da nuvem. Há também um cultivo do equilíbrio na maneira em que Iole projeta as obras no espaço e ao considerar o material.

Assim, fiquei entremeadada nos cadernos tanto de Iole quanto de Antonio e comecei a notar a presença de alguns pensamentos ali depositados que pareciam ser de tamanha forma inerentes a suas pesquisas e práticas que se tornaram fundamentais e intrínsecas a intencionalidade desses dois artistas. Entendi que esses pensamentos assumiam ali o valor e a característica de procedimentos.

Essa identificação, de que aquilo que passei a encontrar nos

cadernos poderiam ser denominados procedimentos e que eles eram peças fundamentais para a constituição do corpo de trabalho desses artistas, pode ser identificada como o começo da pesquisa. Passei a buscar e identificar uma anatomia da poética de 2 artistas como algo que se perpetua no tempo. Comecei a me referir às páginas dos cadernos onde encontrava tais evidências dos procedimentos - que por si só eram evidências desse corpo de pesquisa e práticas artísticas - metaforicamente, como fósseis. Fósseis, segundo uma definição científica, são restos ou vestígios de seres vivos preservados em rochas. Restos são as partes do animal em si e vestígios são evidências de suas existências. Nota-se que é mais comum a preservação das estruturas mais resistentes dos seres vivos, como

os ossos, por exemplo. Denominar as páginas de cadernos onde encontro os procedimentos de fósseis me ajudou a assimilar que nelas ficou preservada uma parte estrutural do corpo de trabalho desses artistas. Cresceu, assim, o desejo de encontrar um modo de compartilhar o que ali via e aprendia.

Partindo de uma organização dos fósseis encontrados, comecei a notar um procedimento que era coincidente nas práticas de Iole e de Antônio. Esse procedimento aparecia nos cadernos de Iole em algumas colagens de recortes de fotografias de seus trabalhos, postas juntas para formar um todo diferente. Ele também se manifestava num texto escrito por Antonio com o título “fronteira”, pela ideia de cisão de um território e pela ação de inserção por ele proposta. Entendi e logo nomeei esse

procedimento como corte, termo que já estava presente explicitamente em uma anotação de Iole:

Estava comendo I
maça e dei I **corte**,
não sei porque este corte
me comoveu
Ai eu parei e fui para o
estudio fazer o molde.
Tem pessoas que dizem
Tem pessoas que contam¹

Esse conceito também aparece como adjetivo quando ela se refere à característica inquieta da produção artística na década de 1970:

Estávamos sempre vivendo,
respirando, mergulhados na
experimentação estética. Coerente
e cortante.².

Foi com essas pistas que

comecei a assimilar o corte como um procedimento quimérico, pois tal como essa figura mitológica que é um mesmo ser, apesar de composto por partes de leão, cabra e serpente, o corte parecia mostrar diferentes facetas e se ramificar em outros procedimentos. Como já mencionado, a fronteira para mim se intitula como corte ao separar territórios. O contorno e a membrana de forma similar tornam-se um corte que determina dentro e fora. A sombra é um corte da luz. A inserção e o vazamento são decorrentes de um corte que abre caminho. O corte também pode ser multiplicação e divisão, ao cortar o que antes era um único corpo em dois ou mais. Leio o corte também no vértice entre inspiração e respiração e o vértice do equilíbrio é fino como o fio da navalha.

Acredito que podemos aprender muito com esse repertório do corte e seus procedimentos análogos e por isso empreendi um processo de tradução de todas essas facetas em proposições. As proposições são convites a ações que por vezes se desdobram mais no campo do imaginário do que naquilo que poderíamos chamar de real efetivo, apesar de, ao imaginá-las, não deixamos de as inscrever nos corpos e projetá-las no espaço. Essas proposições foram elaboradas tanto na escrita de textos curtos quanto em desenhos aquarelados e entendo que mais do que tentar explicar o trabalho de Iole e de Antonio, desejo com elas ampliar o campo de possibilidades da prática artística, trazendo-a para mais perto do nosso corpo e mantendo-a inquieta e afiada.

Considero a escrita das proposições enquanto uma tradução dos procedimentos, pois entendo a ação tradutória em consonância com as definições de Julio Plaza acerca da tradução intersemiótica, ou seja, tradução como prática artística permeada pelo lúdico e pelo lúcido, situada tanto no pensar quanto no fazer³. Há também uma outra concepção da tradução, ou melhor, uma imagem da tradução, formulada por Walter Benjamin, que me auxiliou a entender melhor a presente pesquisa. Ele descreve que o texto original e o texto traduzido são como dois cacos vizinhos de um mesmo vaso partido, não são necessariamente peças idênticas, mas há uma linha de encontro entre eles e pela qual eles se seguem com delicadeza aos menores detalhes. Assim, na percepção de Benjamin,

mais do que buscar ser igual ao original, o texto traduzido tentaria seguir o desígnio do original, almejando fiar uma linha imaginária ininterrupta entre a intencionalidade dos textos⁴.

Nessa operação tradutória dos procedimentos de Iole e de Antônio, tento seguir os movimentos de seus processos como se esses fossem criaturas vivas. Finjo ser suas sombras, pisar bem atrás de onde eles pisam e respirar junto deles.

Perante a série de proposições em que fui trabalhando, sentia falta de algum material introdutório para elas, preferivelmente em forma textual. Conversando com um amigo, Pedro Carpinelli, recebi a sugestão de talvez escrever textos em uma linguagem que fosse mais próxima àquela presente nas proposições

desenhadas. Uma linguagem que construísse cenas nas quais os procedimentos se apresentassem como imagens, mais do que ações a serem realizadas. Assim, cheguei a uma segunda prática tradutória dos fósseis encontrados que resultou em dois textos, construídos como contos, apesar de serem um tanto mais fragmentários. O primeiro conto que escrevi, *Corredeira*, abre o cenário para as proposições e o entendo como um prelúdio. Já o segundo, *Estar-aí*, está ao final e traz a imagem de um corpo que repousa, símile ao de uma pedra sedimentar ou mesmo a de um acervo.

Optei por expor os contos em um painel de led de 16 x 96 cm, com letras verdes que correm da direita para esquerda. No dia 15 de agosto, instalei o painel na fachada do meu ateliê e nele exibi o

conto *Corredeira*. Pretendo montar o segundo conto, *Estar-aí*, na fachada do IAC no dia da apresentação pública. A montagem em painel de led desses dois contos corrobora com a intenção de transpor o que encontrei recluso no acervo, tanto para a fachada/casca do edifício em que este acervo está guardado, quanto para o meu espaço de trabalho e prática artística. Com essas transposições podemos projetar duas linhas espaciais: uma que parte dos fósseis resguardados no interior do IAC e vai para a fachada externa do edifício, ou seja, de uma sala climatizada e com acesso controlado para a rua, cujo acesso é livre tal como as possíveis intempéries. Já a outra se projeta entre o IAC e o meu ateliê, ou seja, entre os dois locais onde a presente pesquisa foi se consolidando.

Chegando ao final da pesquisa, decidi nomear os materiais aqui presentes de exercícios de seguimento limiar, pois a operação tradutória foi em minha prática um modo de seguir com cuidado os os procedimentos encontrados nos cadernos, na tentativa de constituir uma prática limiar, investigativa e experimental.

Nos primeiros meses da bolsa, abriu-se a possibilidade das proposições aqui presentes atuarem como um material educativo, para aproximação das pessoas com os trabalhos e pesquisas desses dois artistas, no contexto de uma exposição ou de talvez uma visita pública ao acervo do IAC. Gostaria de ampliar essa possibilidade, de forma que não seja o material aqui presente que deva ser utilizado como material educativo, mas

talvez o método de pesquisa que foi empregado. Convido-os a praticarem exercícios de seguimento limiar:

- Se aproxime do corpo de trabalho de um artista, a partir do pressuposto que a pesquisa e a prática dele são organismos vivos.

- Procure os possíveis fósseis deixados por esses organismos, vestígios de suas atividades e de sua existência. (Algumas pistas do que procurar: rascunhos de trabalhos, palavras que se repetem ou que podem assumir um significado específico para o artista que não só o do dicionário, listas de compra de materiais ou fornecedores, recortes de papéis que eles decidiram guardar, enfim, são múltiplas possibilidades!)

- Identifique ações constituintes da vida desses organismos, que

são tão relevantes de suas intencionalidades que podemos denominá-las procedimentos. Ações sem as quais, eles deixariam de respirar e poderiam virar pó. Guarde-as com você.

- Proponha aos organismos um jogo de sombras: encontre modos de tentar realizar os mesmos procedimentos que são feitos por eles, mas com seu corpo e sua linguagem.

- Escreva um relato sobre a sua convivência com esses organismos. Seja em forma de conto, de relatório ou de diário. Mas, caso seja difícil usar palavras para esse relato, você pode procurar outros modos, procurando uma linha imaginária que indique qual forma de relato mais corrobora com a sua experiência.

Notas:

1 FREITAS, Iole de. Fundo Iole de Freitas - Caderno preto quadrado - nº de ordem: 42257.

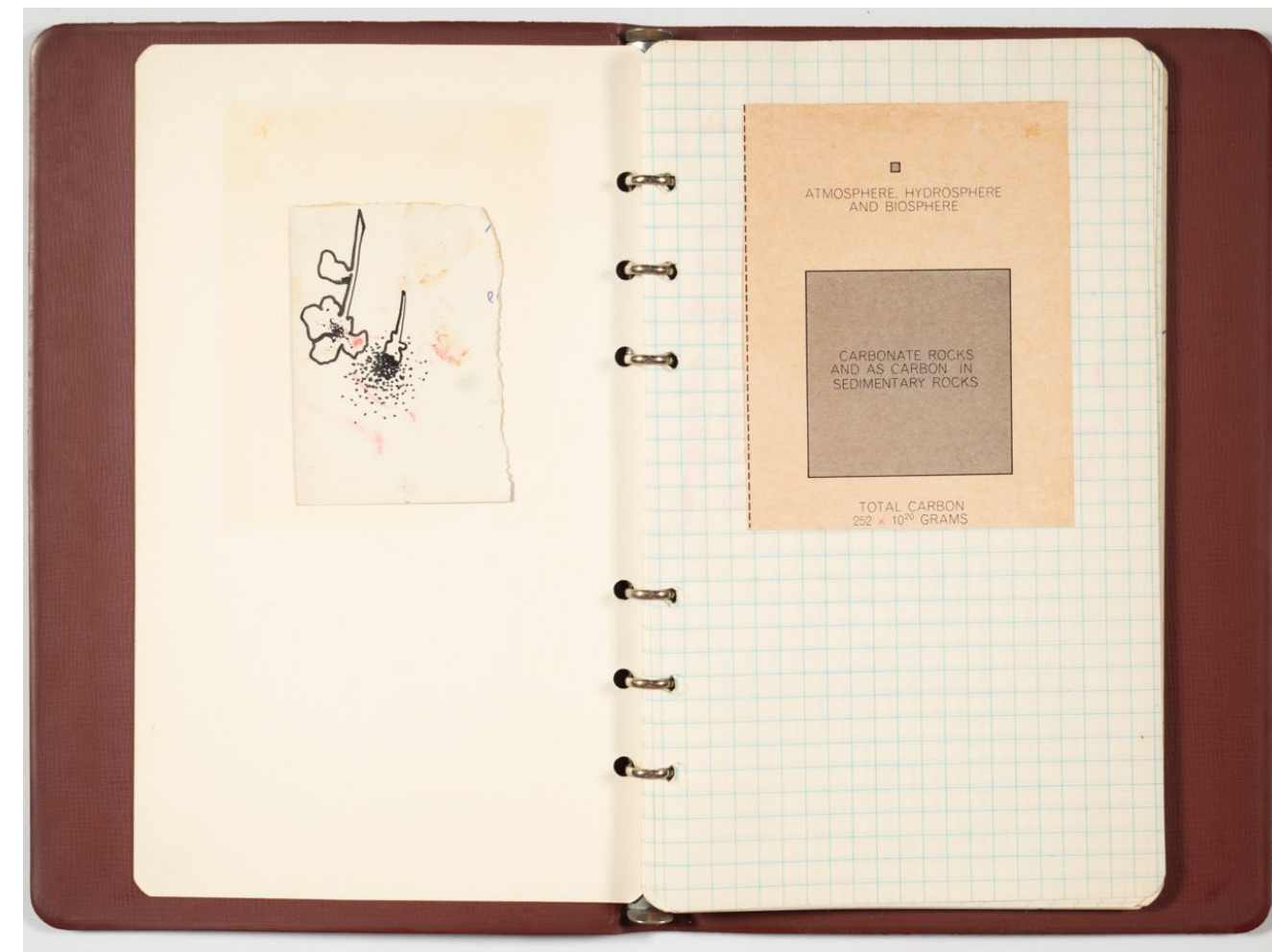
2 FREITAS, Iole de. Arte e resistência. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 23, p. e-235728, 2025. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2025.235728. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/235728>. Acesso em: 28 de maio, 2025. Página 6

3 "Como prática artística, a TI (Tradução Intersemiótica) se consuma como recepção produtiva ou consumo que é produção e se resolve na síntese entre o pensar e o fazer, uma vez que encapsula a atividade críticometalingüística no bojo da criação. O lúdico informado pelo lúcido." PLAZA, Julío. Política e poética da tradução intersemiótica. In: PLAZA, Julío. Tradução e Intersemiótica. São Paulo: Perspectivas, 2003. Capítulo 8. p. 205-210.

4 CASTELLO BRANCO, Lucia (org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. Dentre as quatro versões disponíveis, optei pela tradução de Karlheinz Barck e outros, pois ela

traz a imagem de forma mais próxima ao que procuro propor nesta pesquisa: "Assim como os cacos de um vaso, para poderem ser recompostos, devem seguir-se uns aos outros nos menores detalhes, mas sem se igualar, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, ir configurando, em sua própria língua, amorosamente, chegando até aos mínimos detalhes, o modo de designar do original (...)."

FÓSSEIS



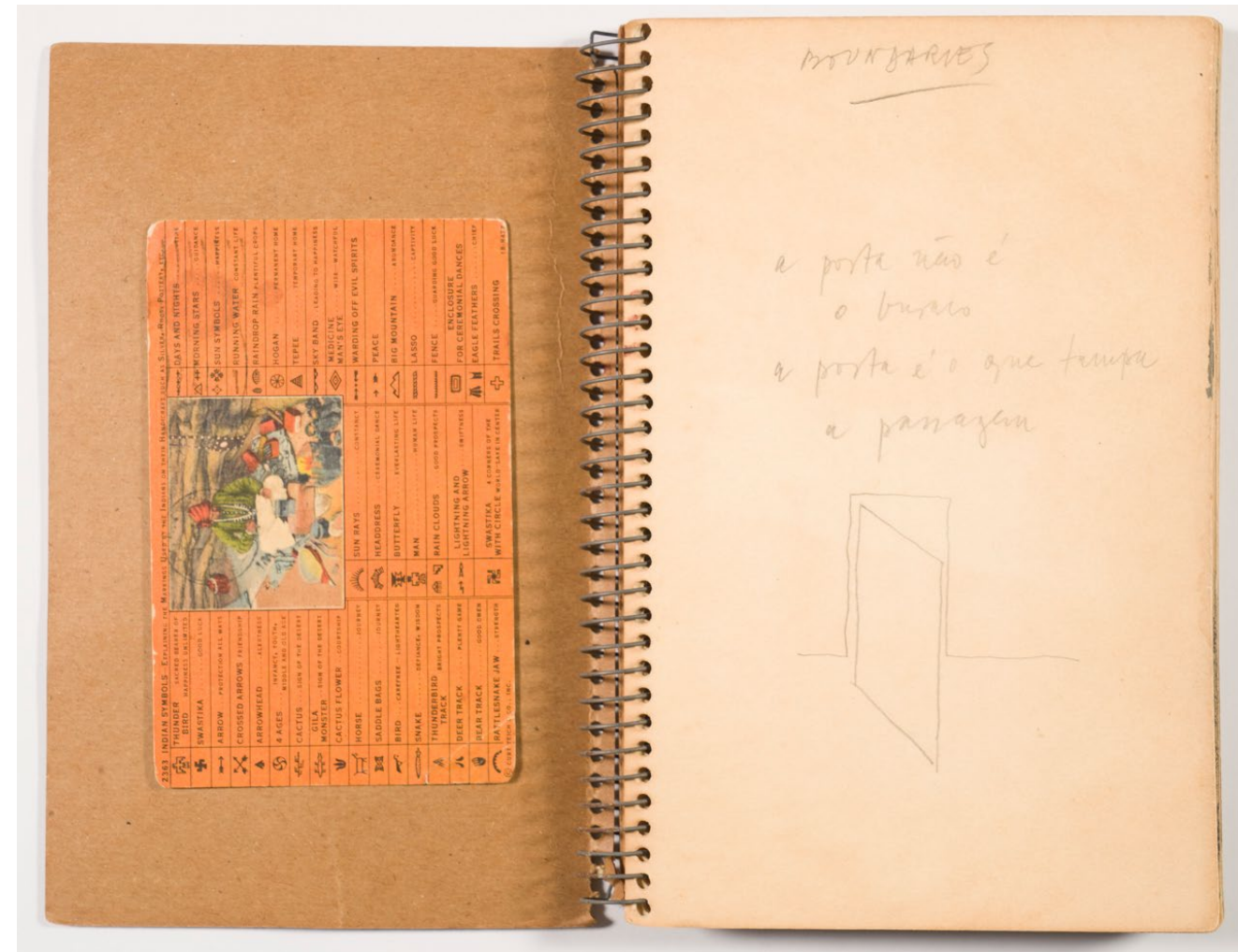
Fundo Antonio Dias.

Documento: 50538



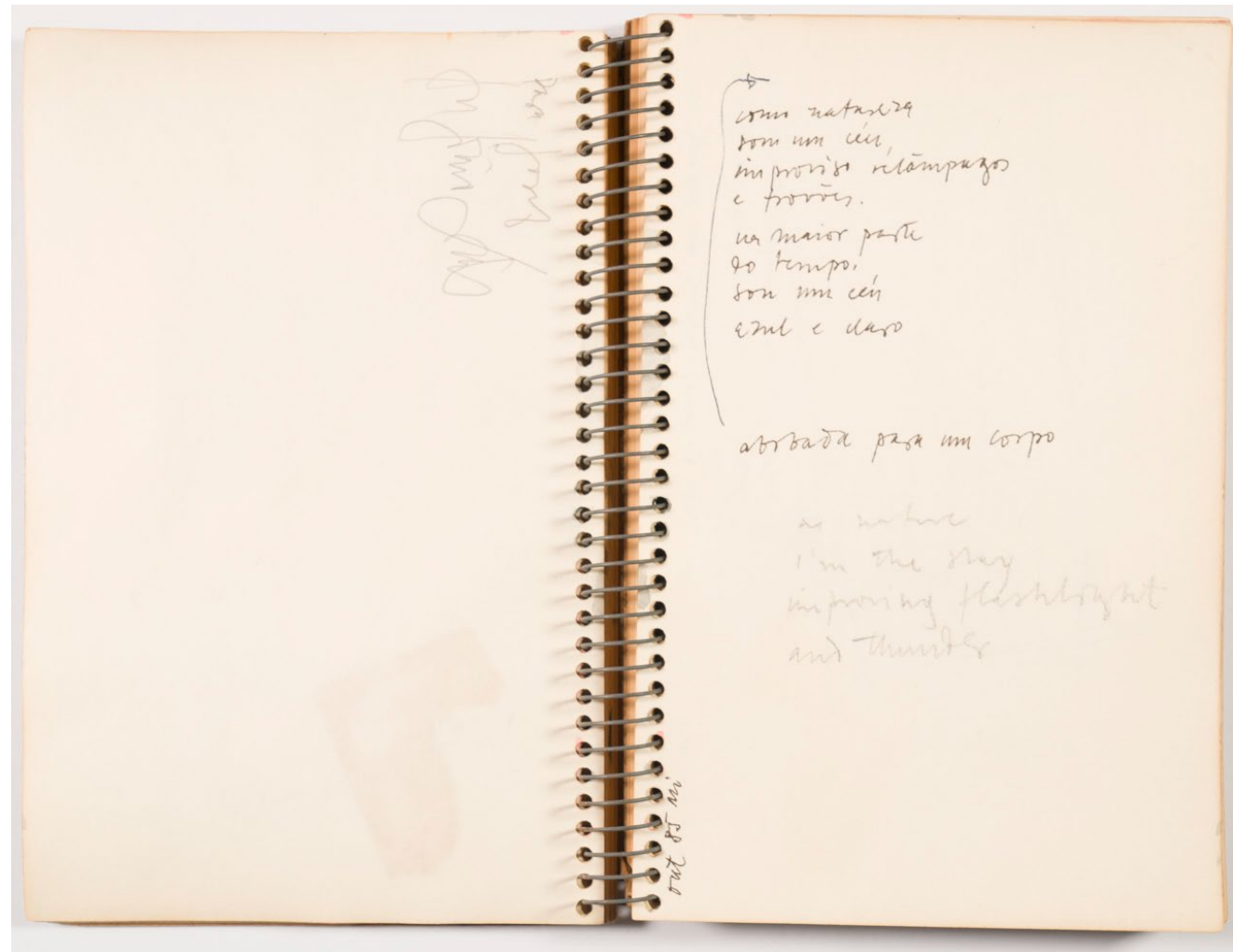
Fundo Antonio Dias.

Documento: 51891



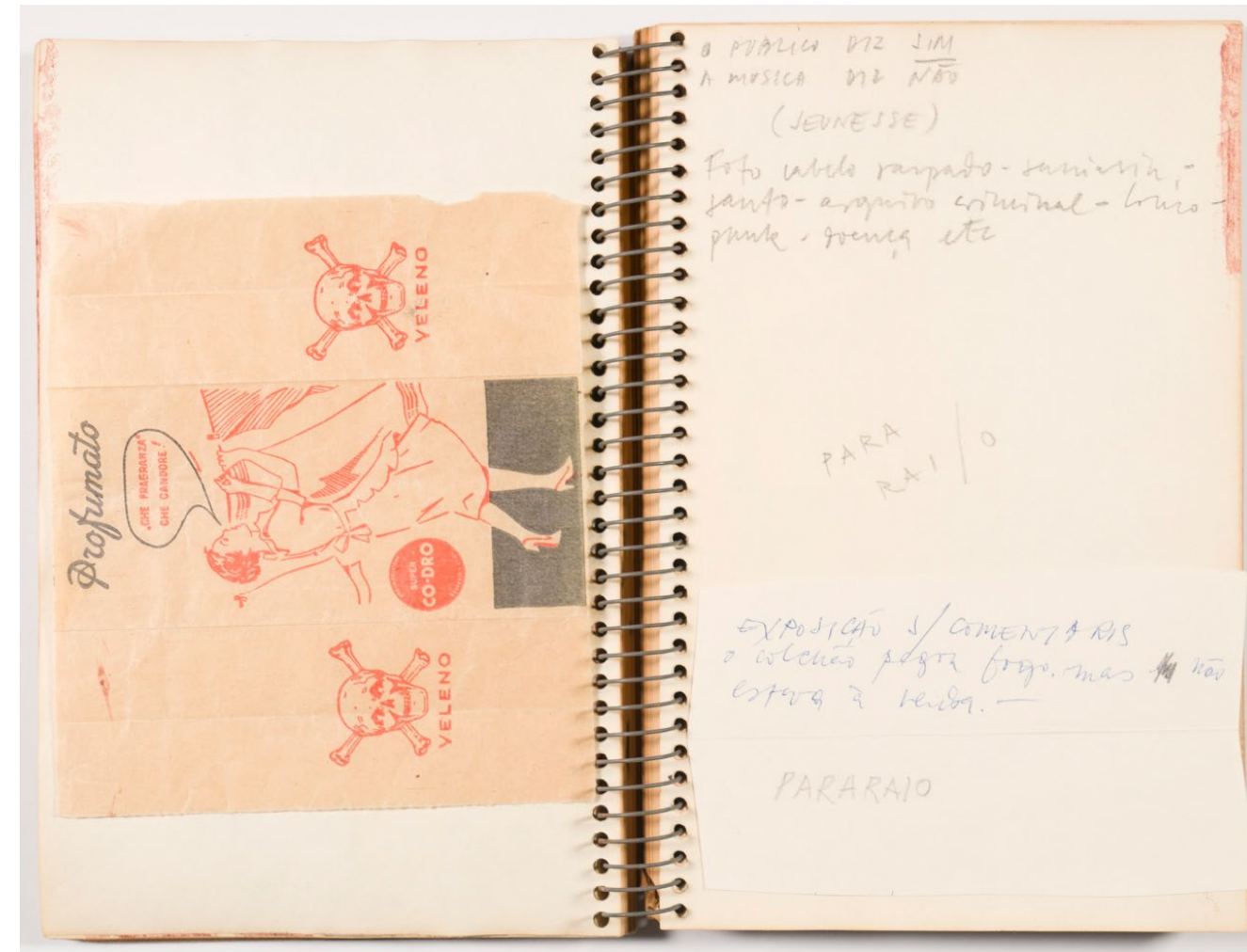
Fundo Antonio Dias.

Documento: 51891



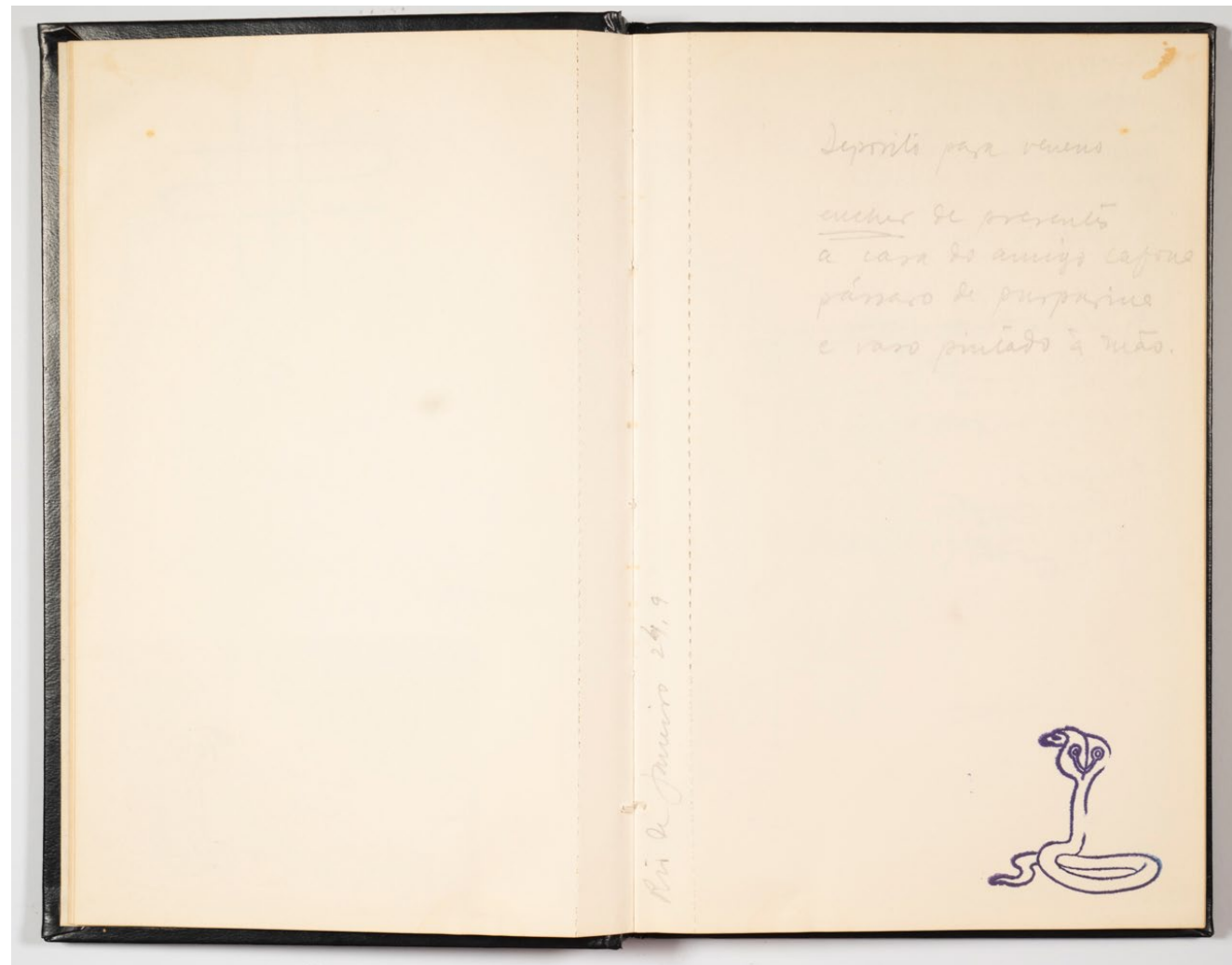
Fundo Antonio Dias.

Documento: 51891



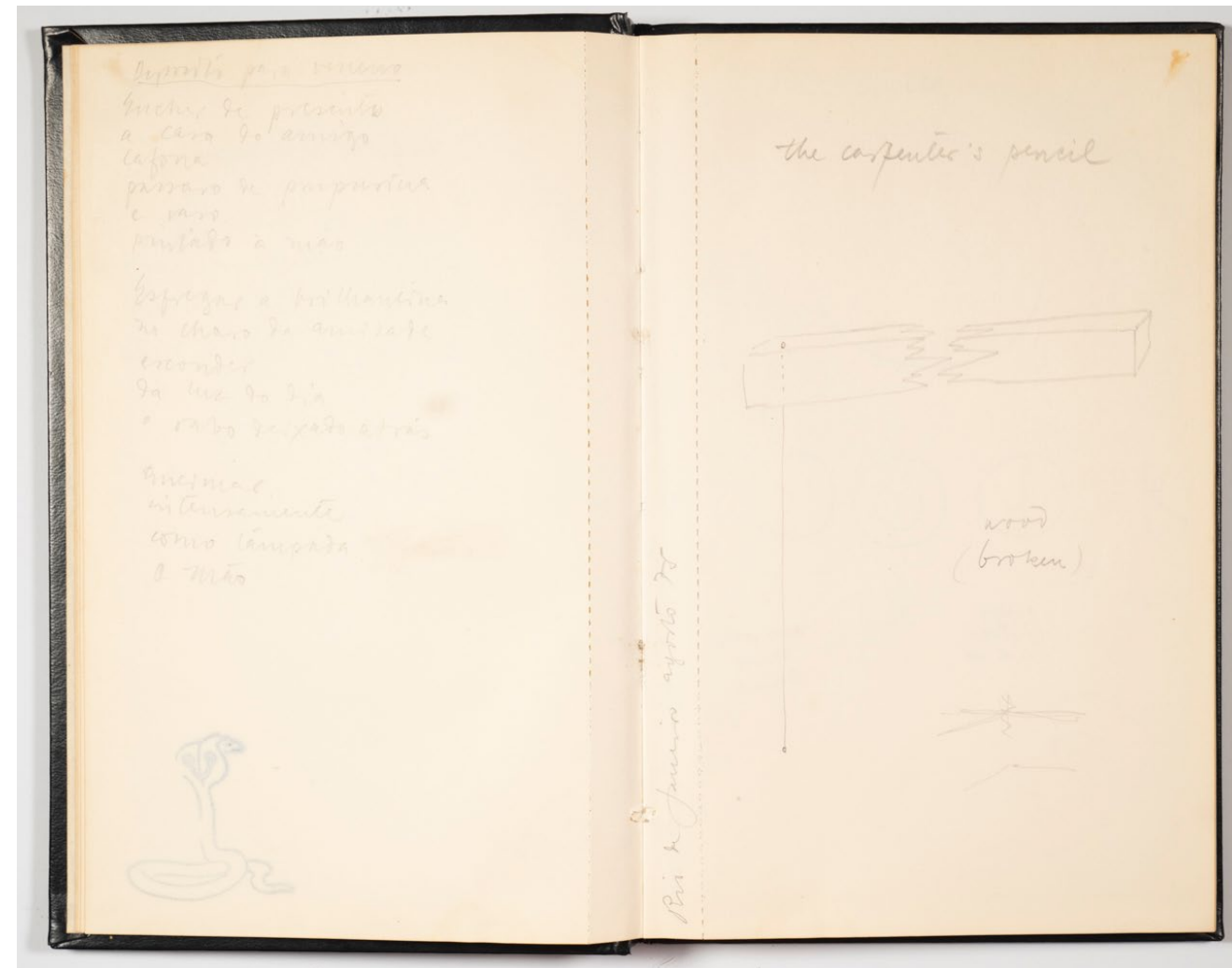
Fundo Antonio Dias.

Documento: 51891



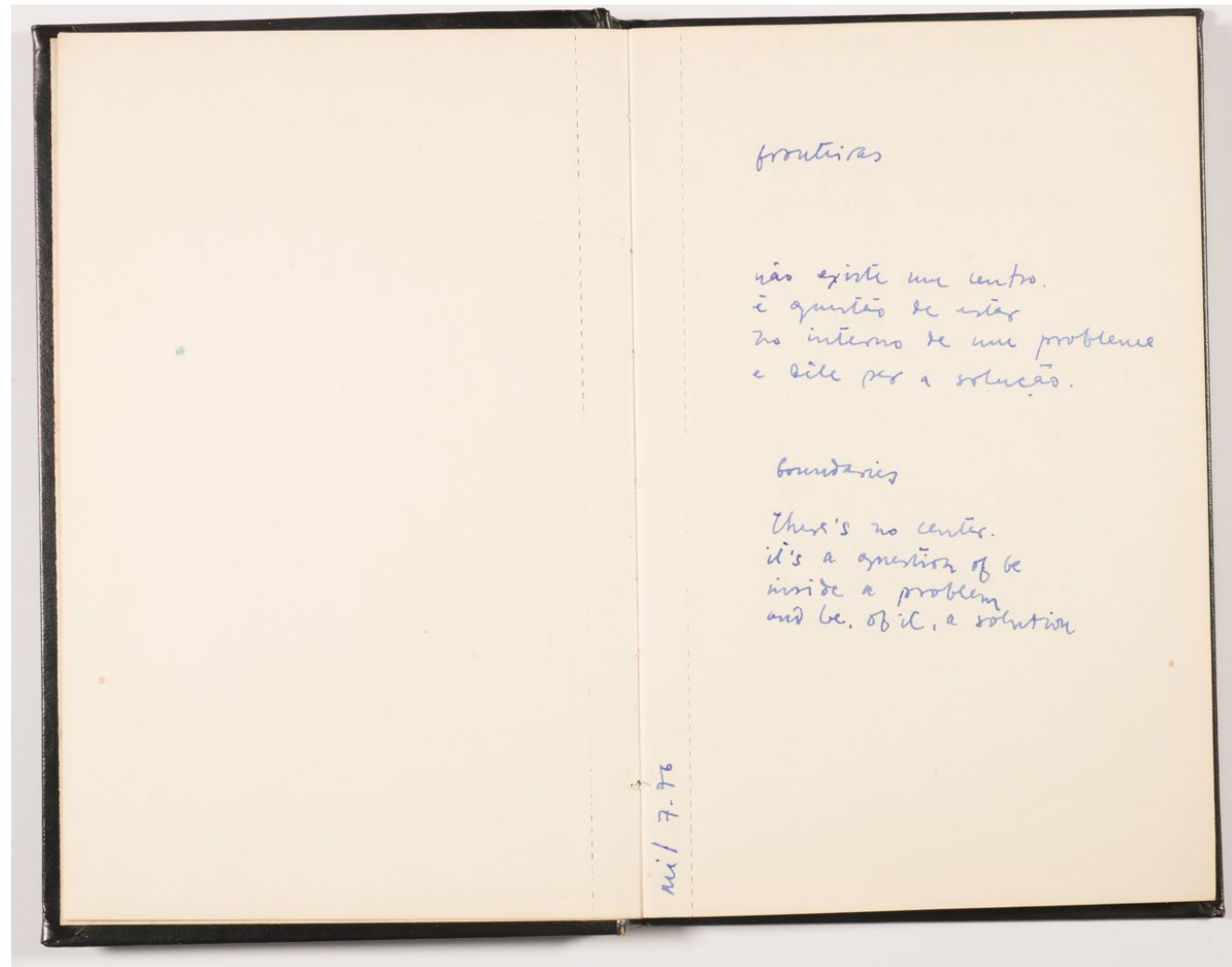
Fundo Antonio Dias.

Documento: 50539



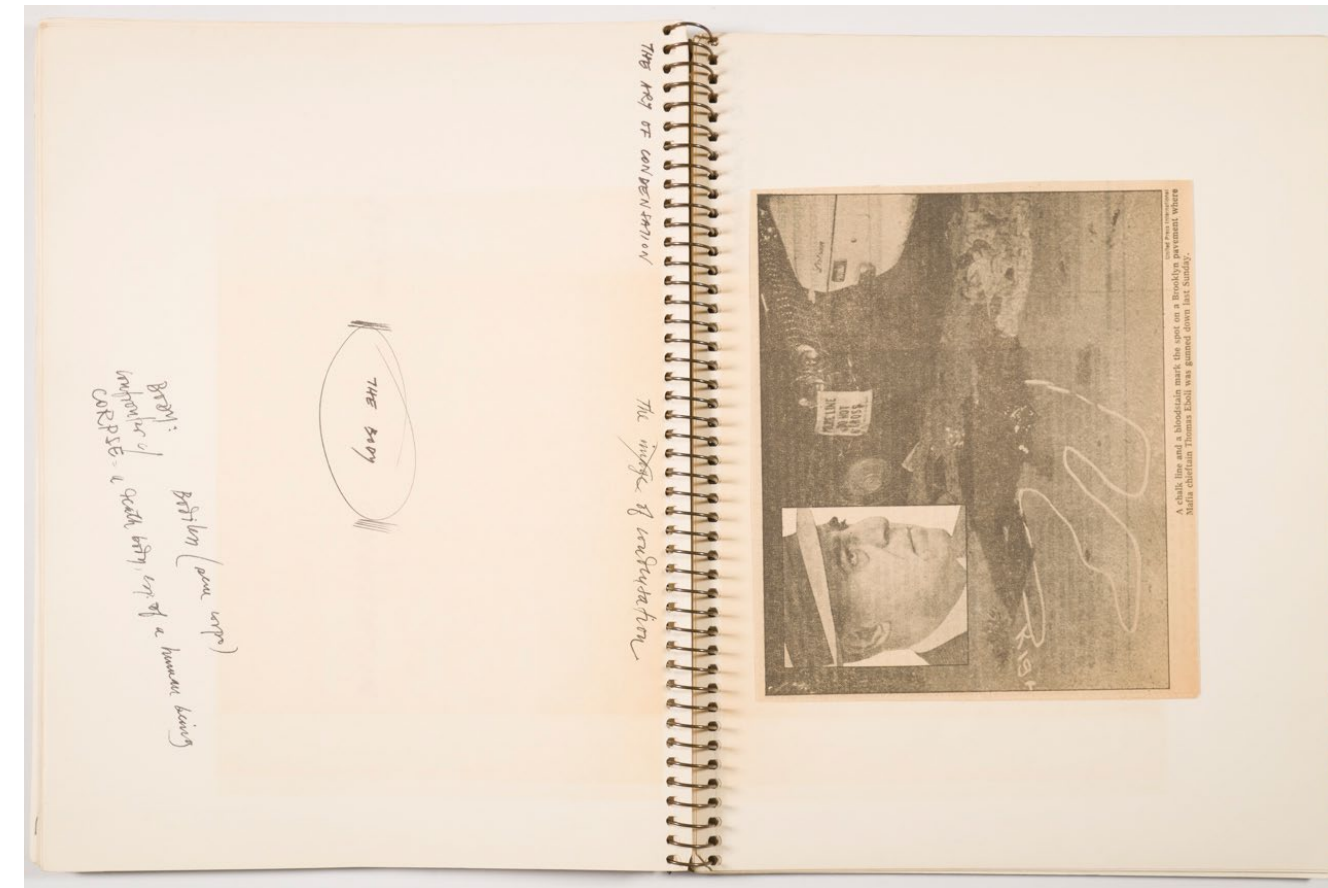
Fundo Antonio Dias.

Documento: 50539



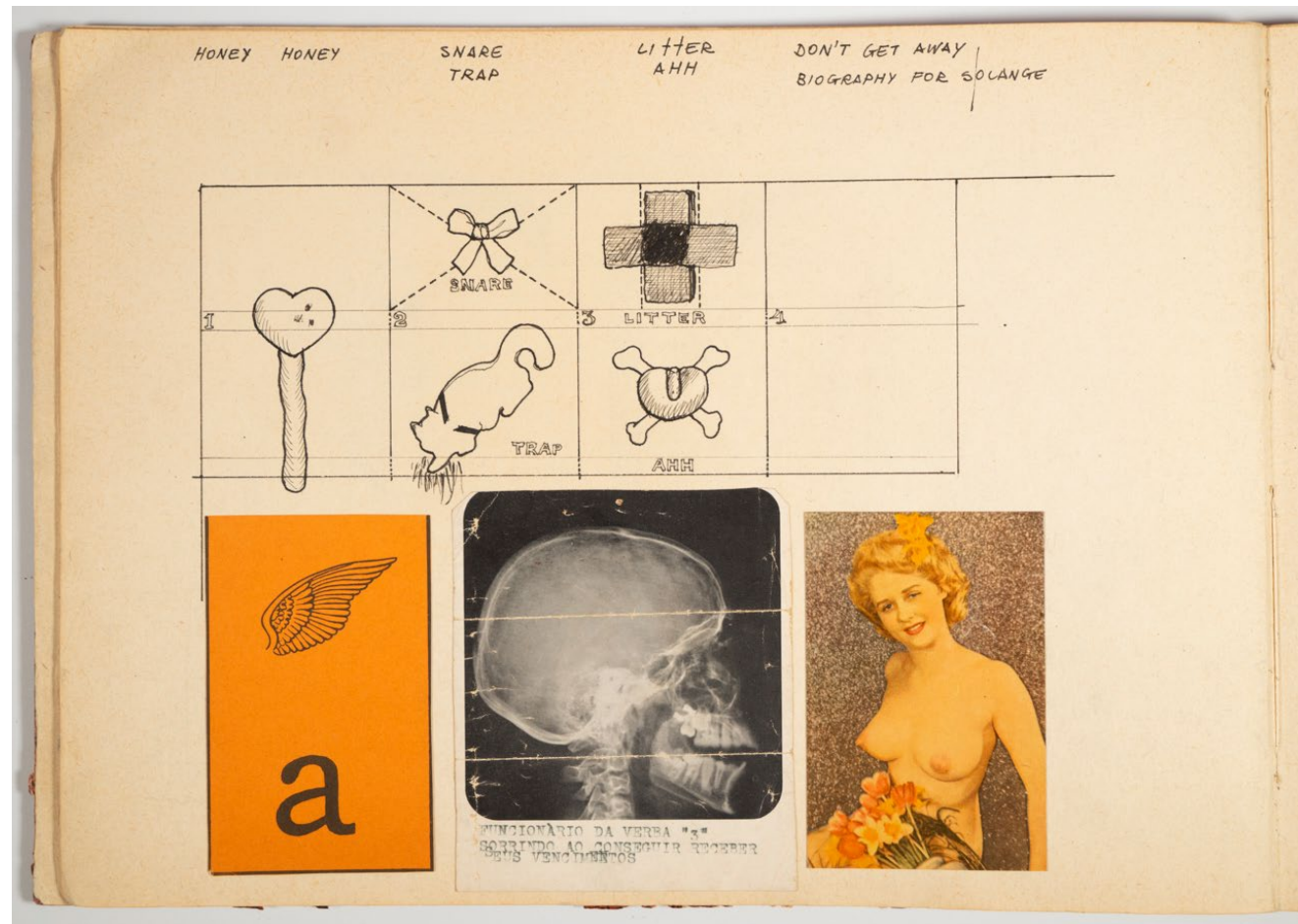
Fundo Antonio Dias.

Documento: 51887



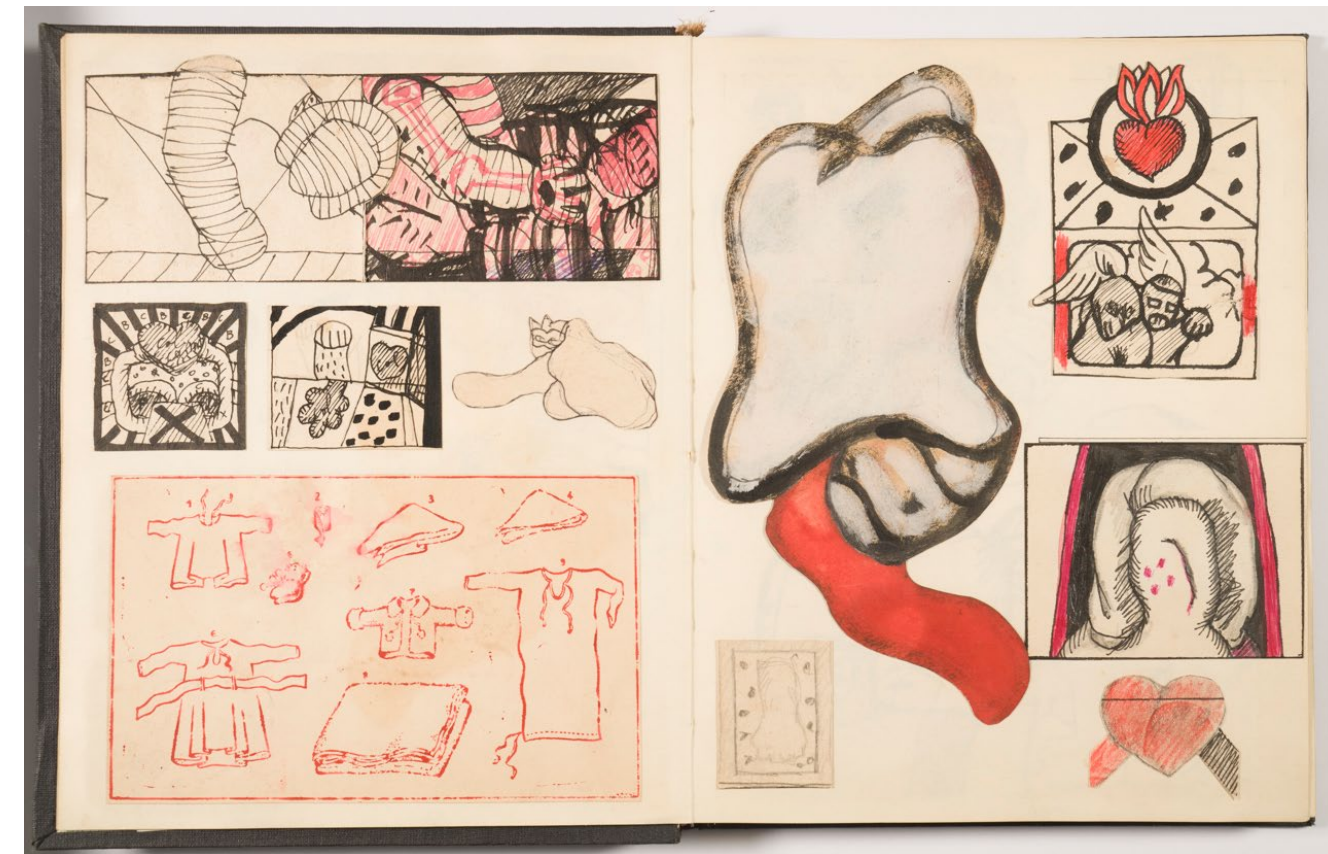
Fundo Antonio Dias.

Documento: 51890



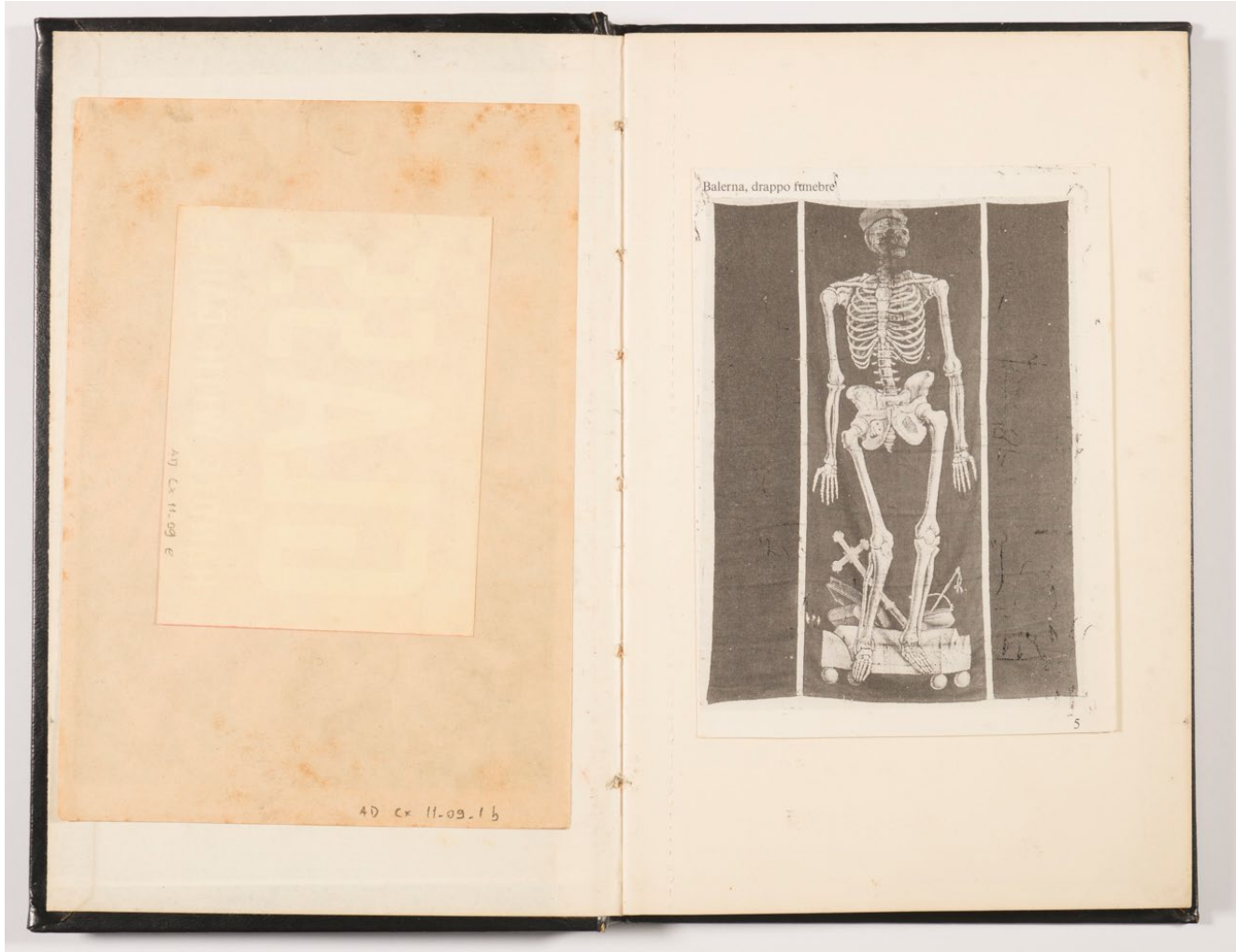
Fundo Antonio Dias.

Documento: 50540



Fundo Antonio Dias

Documento: 51888

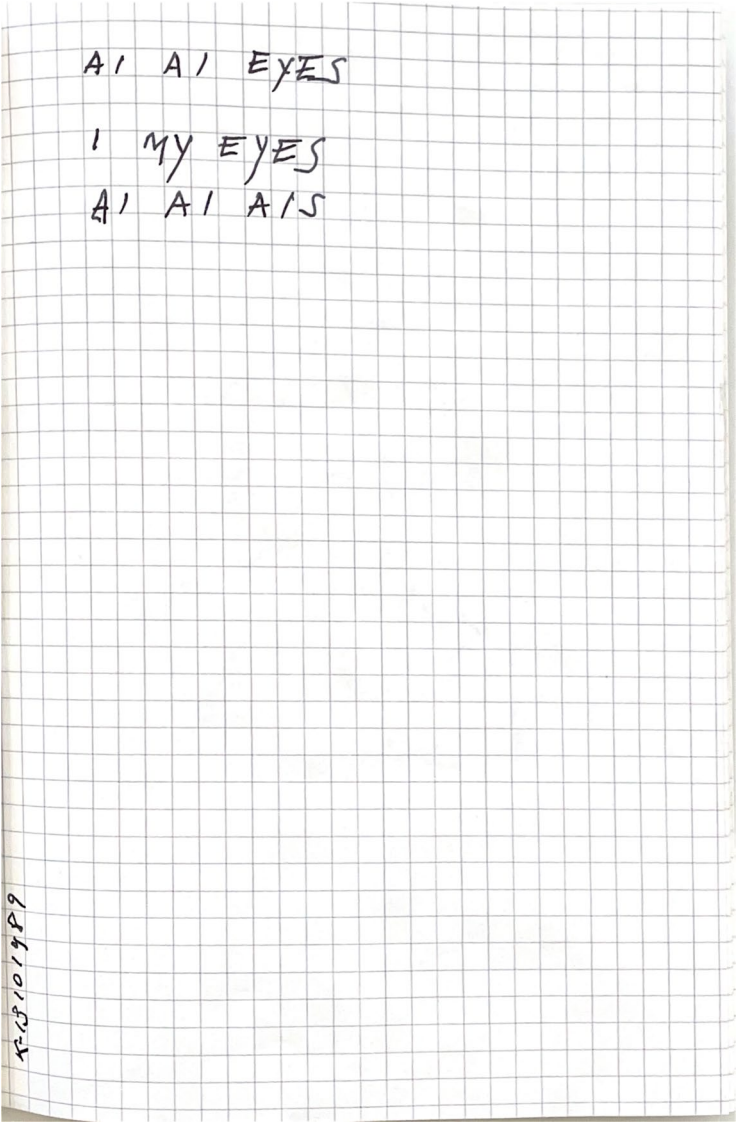


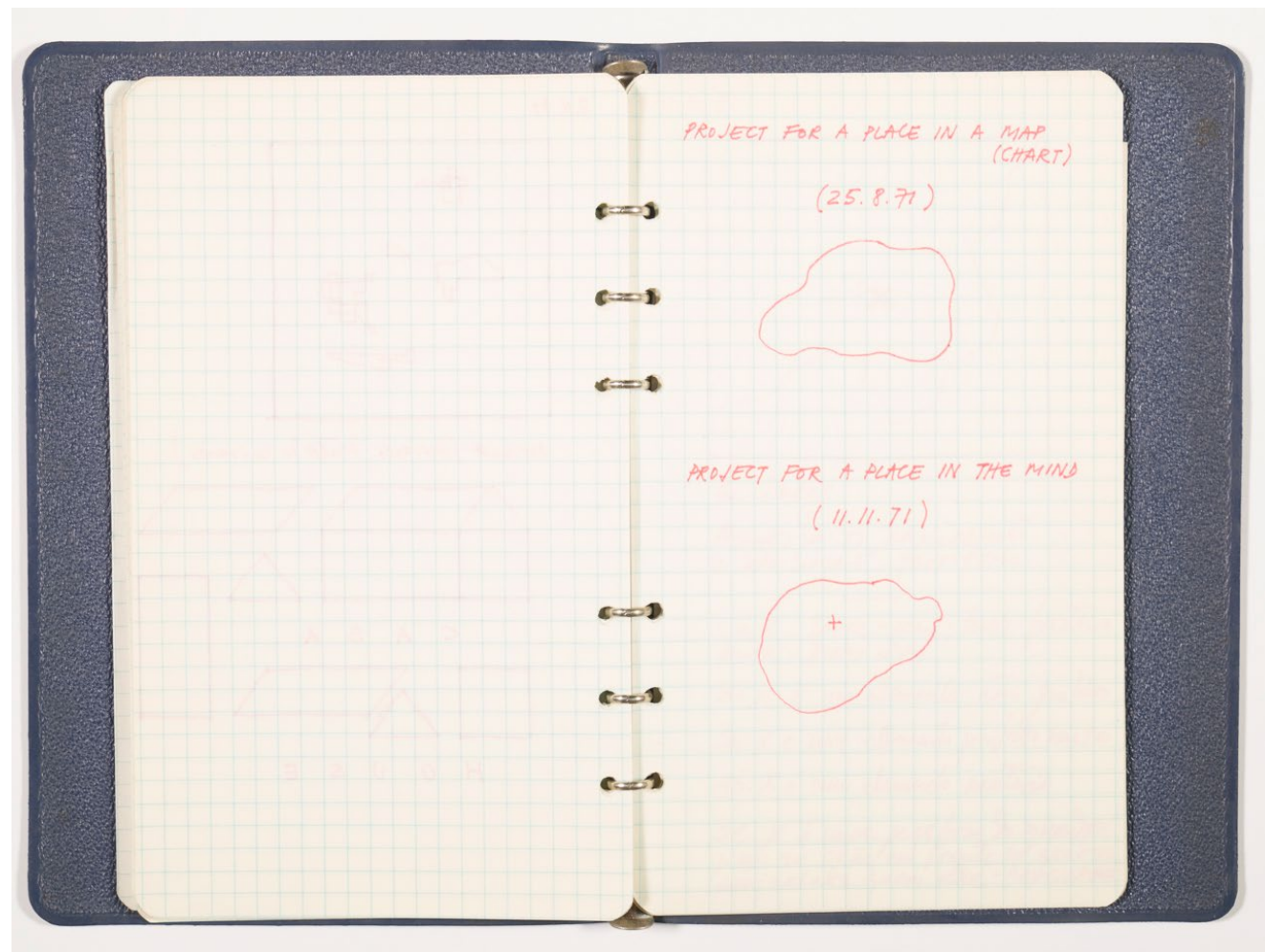
Fundo Antonio Dias.

Documento: 51887

Fundo Antonio Dias.

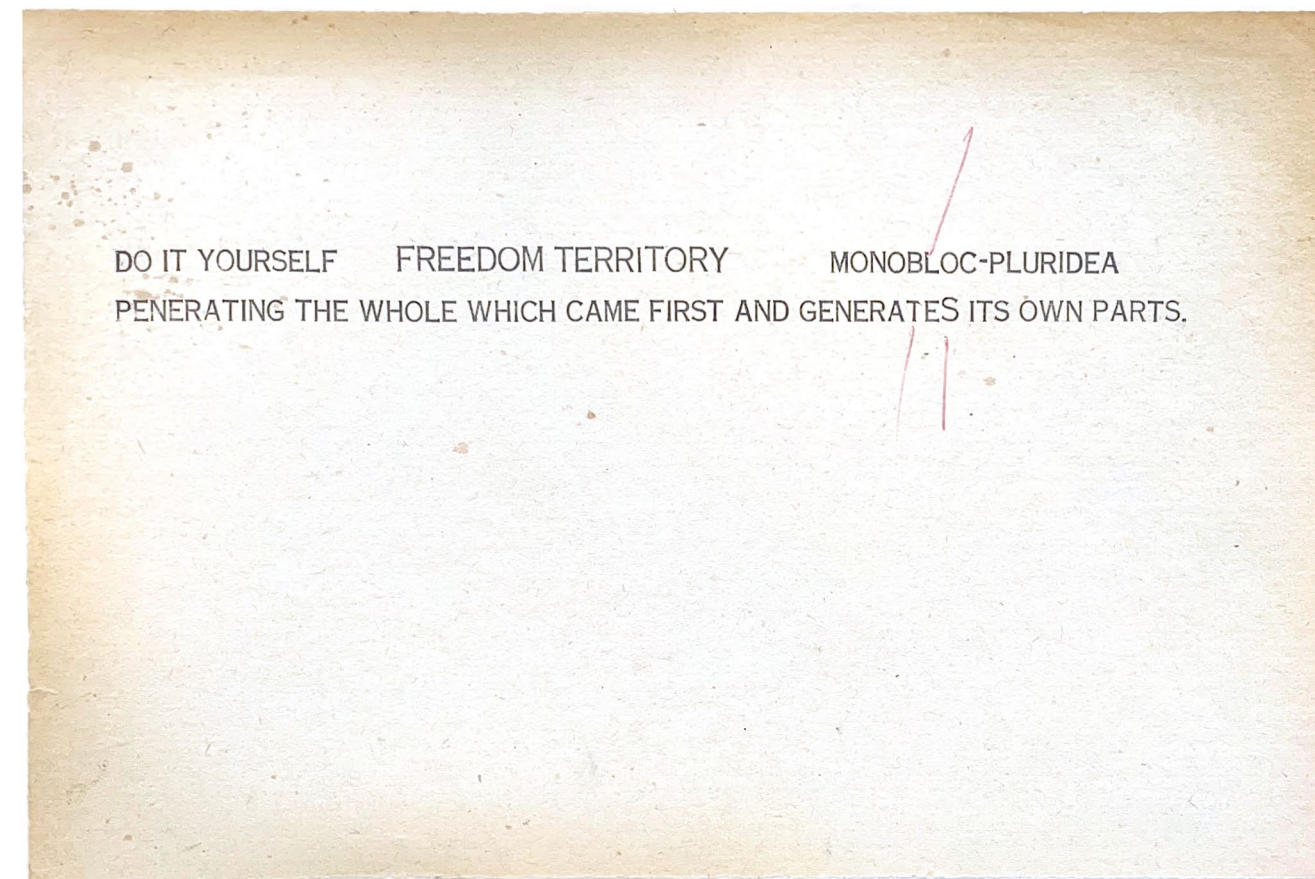
Caderno cinza (ainda não catalogado)





Fundo Antonio Dias.

Documento: 51881



Fundo Antonio Dias.

Cartão dentro do caderno Silver Eagle Exercise Book no.6 (ainda não catalogado)



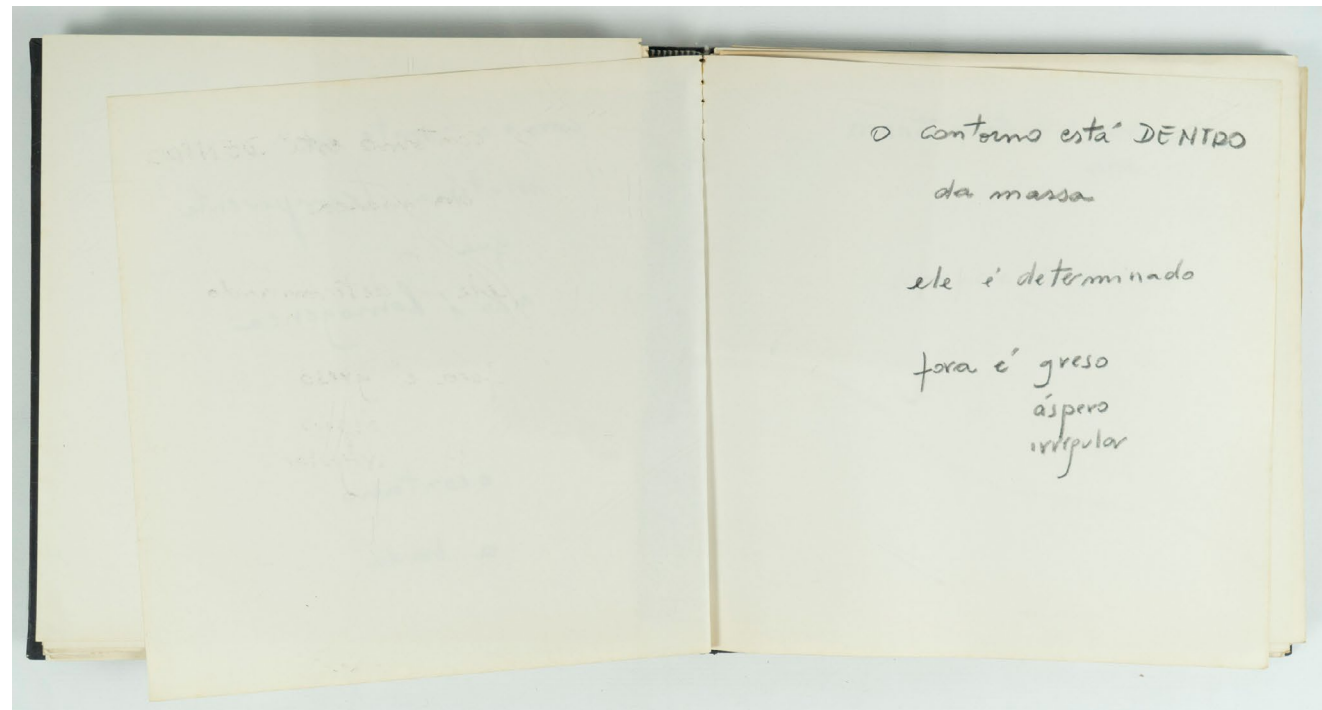
Fundo Iole de Freitas.

Documento: 42259



Fundo Iole de Freitas.

Documento: 42259



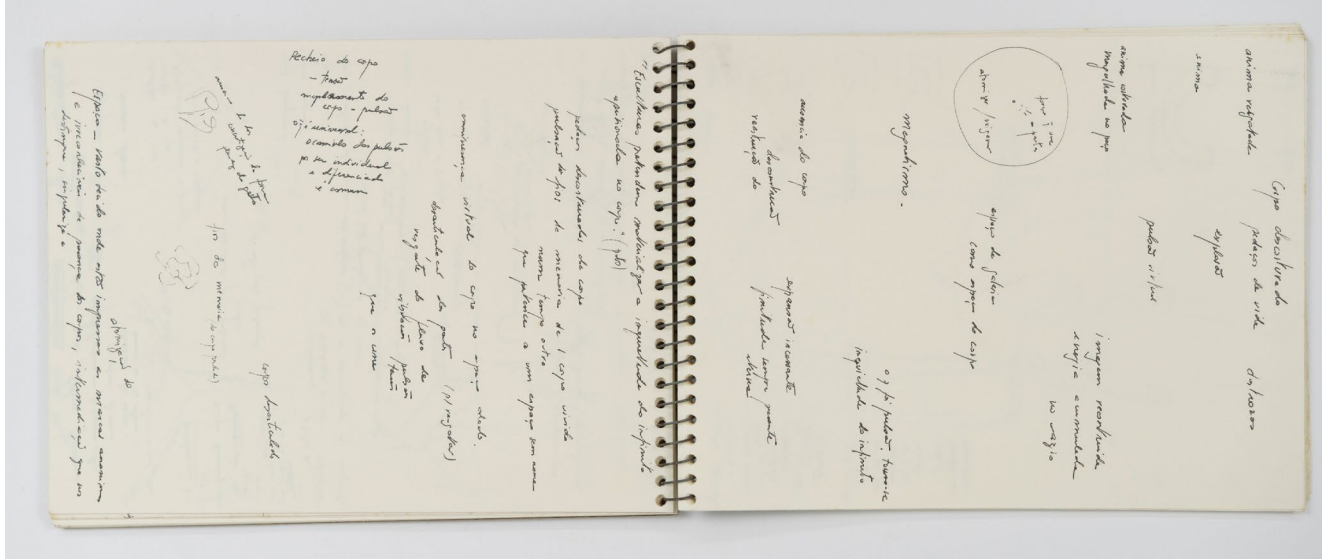
Fundo Iole de Freitas.

Documento: 42259



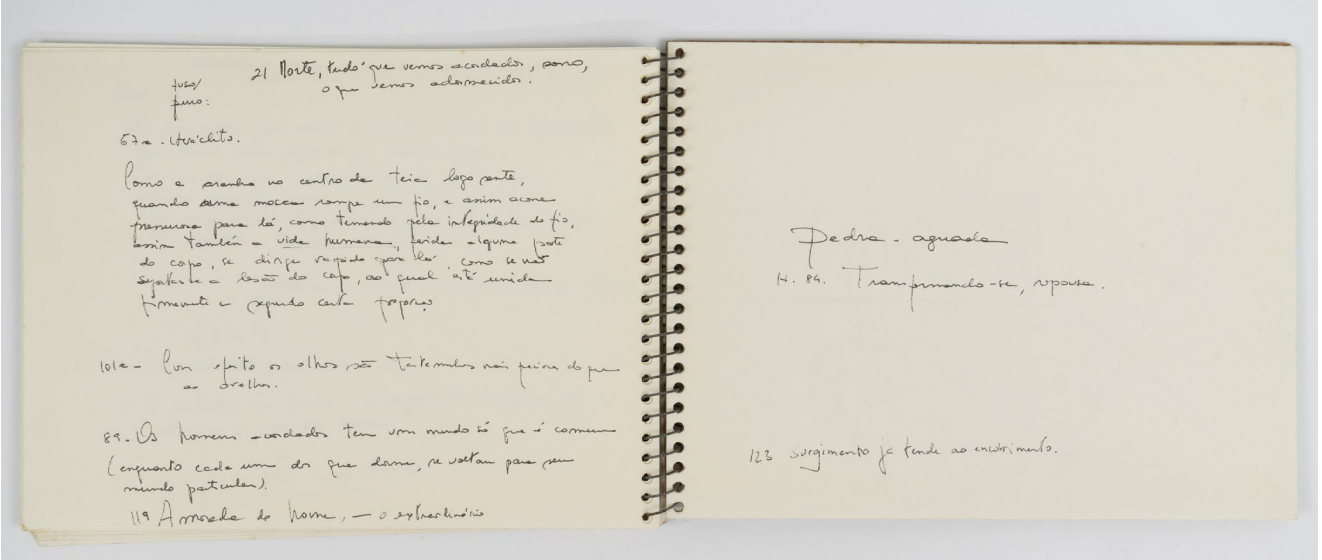
Fundo Iole de Freitas.

Documento: 46594



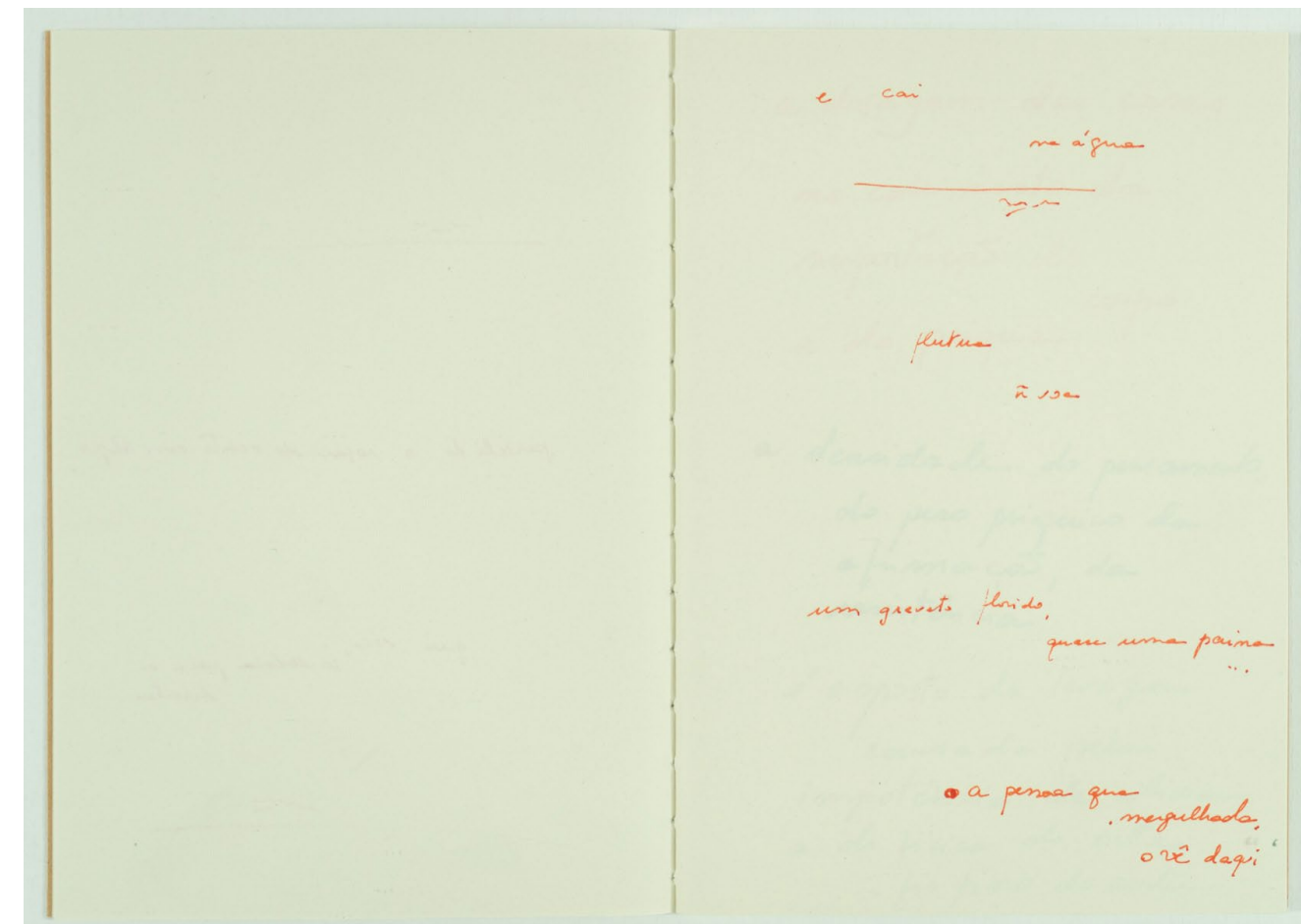
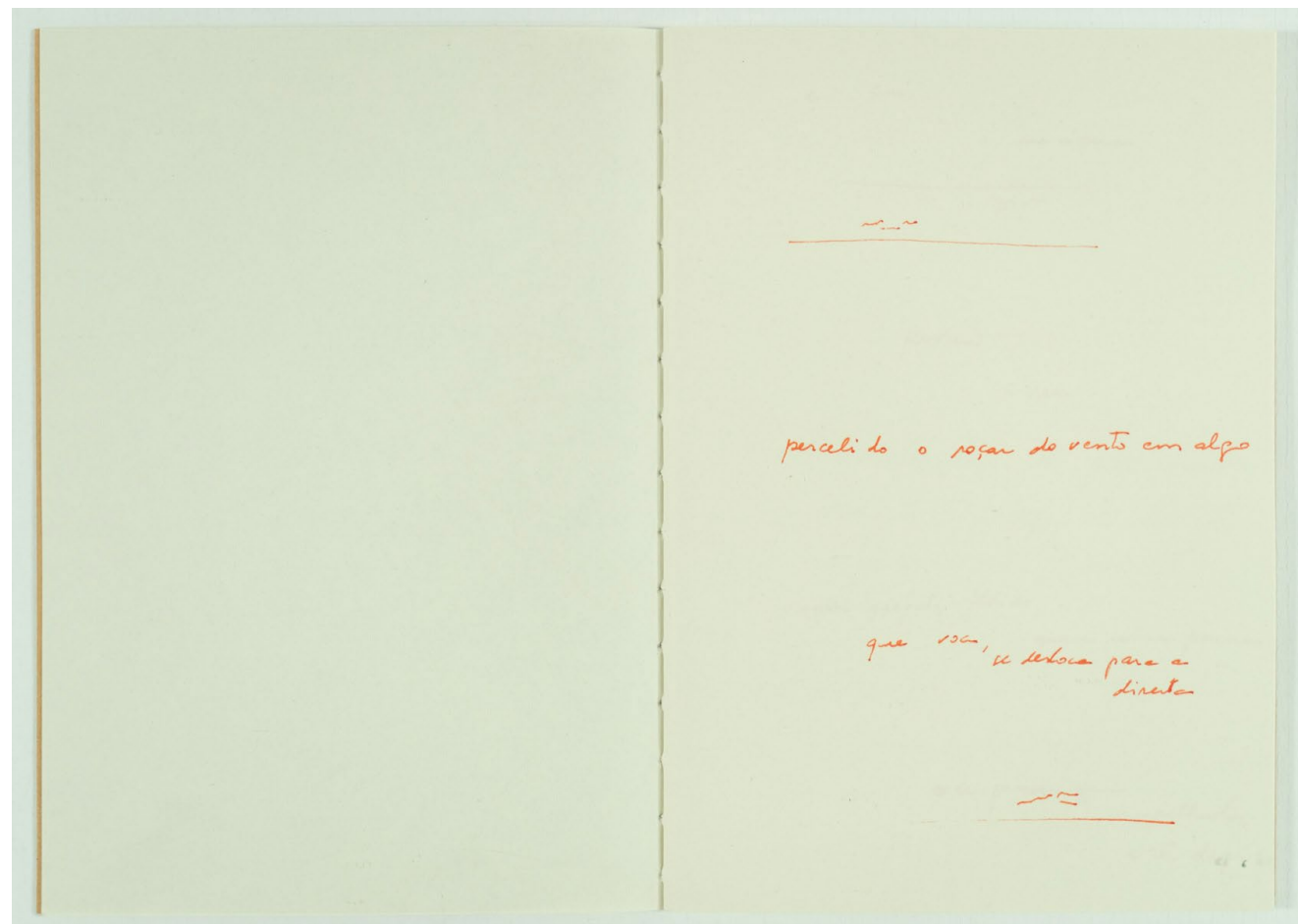
Fundo Iole de Freitas.

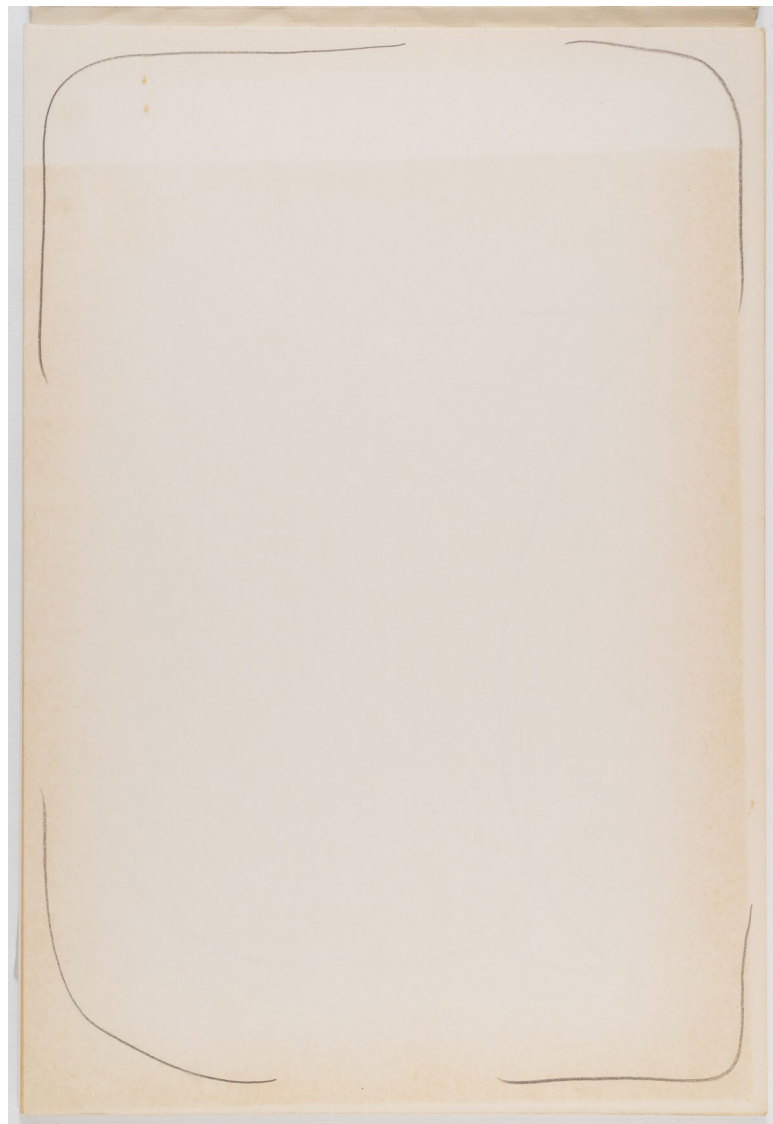
Documento: 42241



Fundo Iole de Freitas.

Documento: 42241



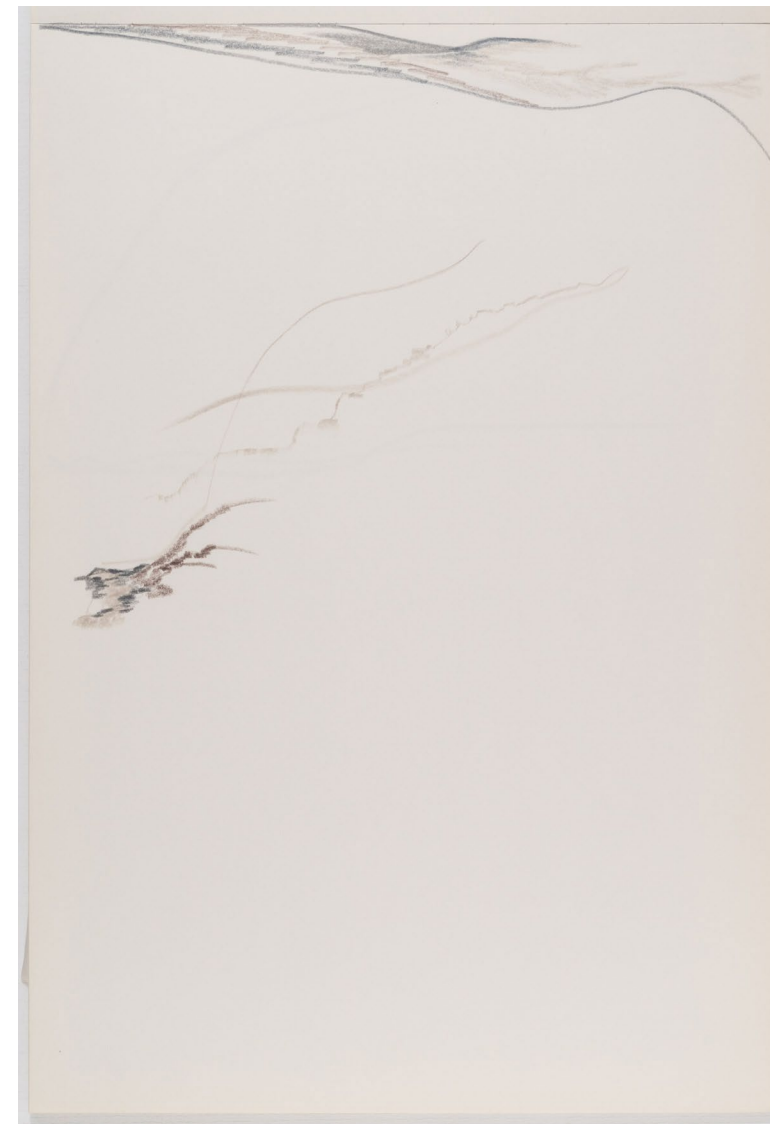


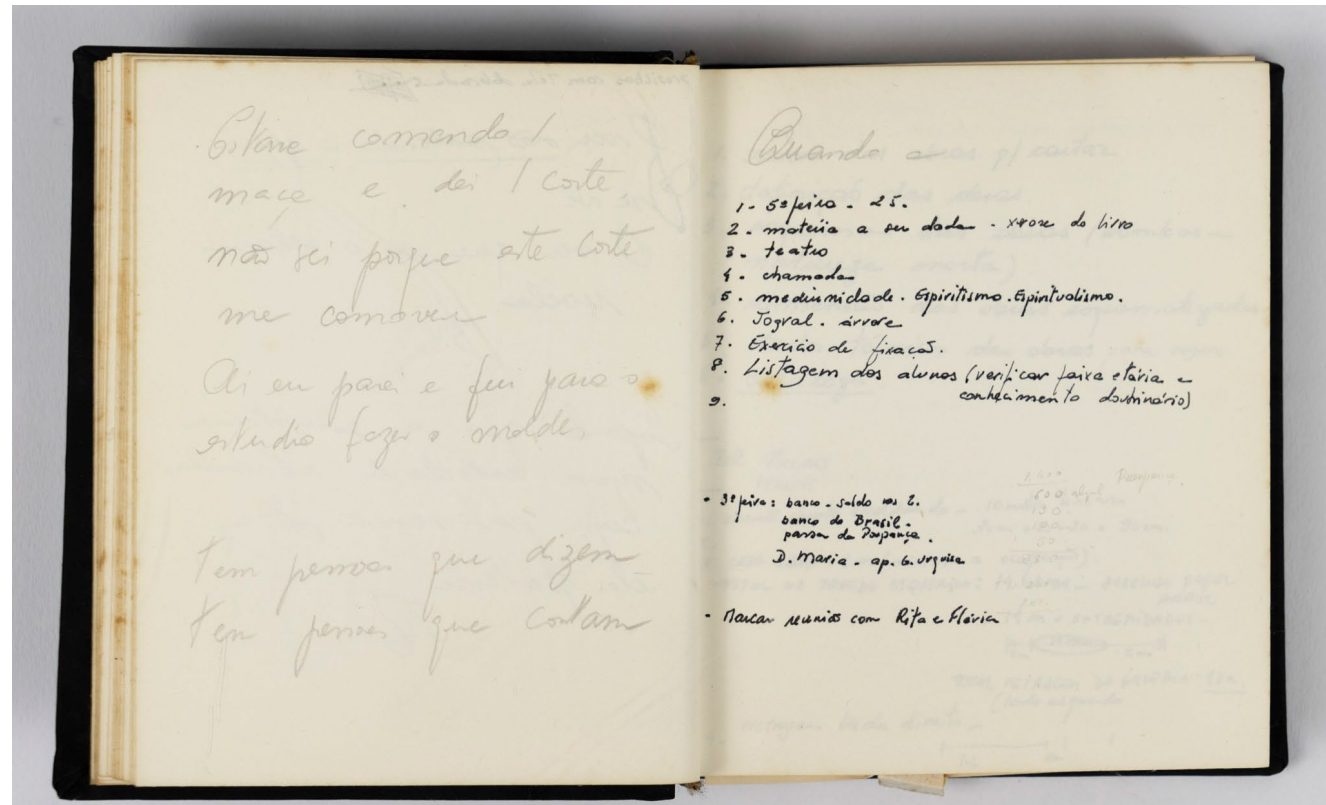
Fundo Iole de Freitas

Documento: 33146

Fundo Iole de Freitas

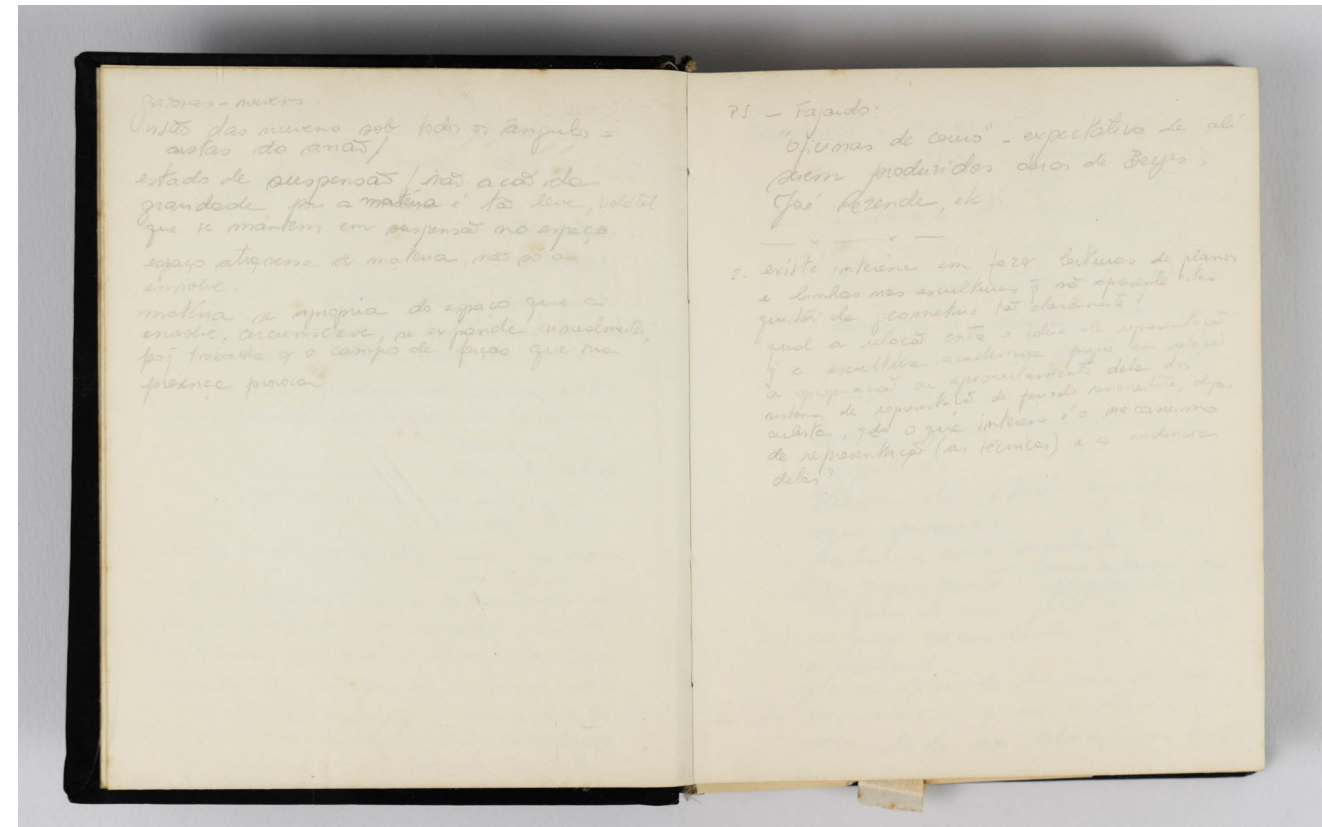
Documento: 33146





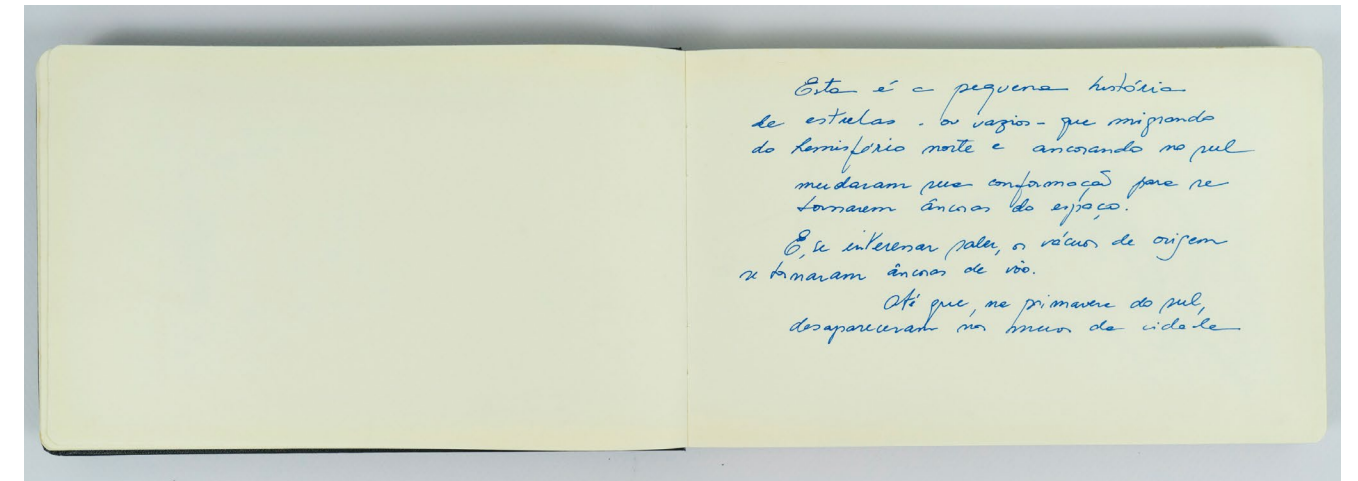
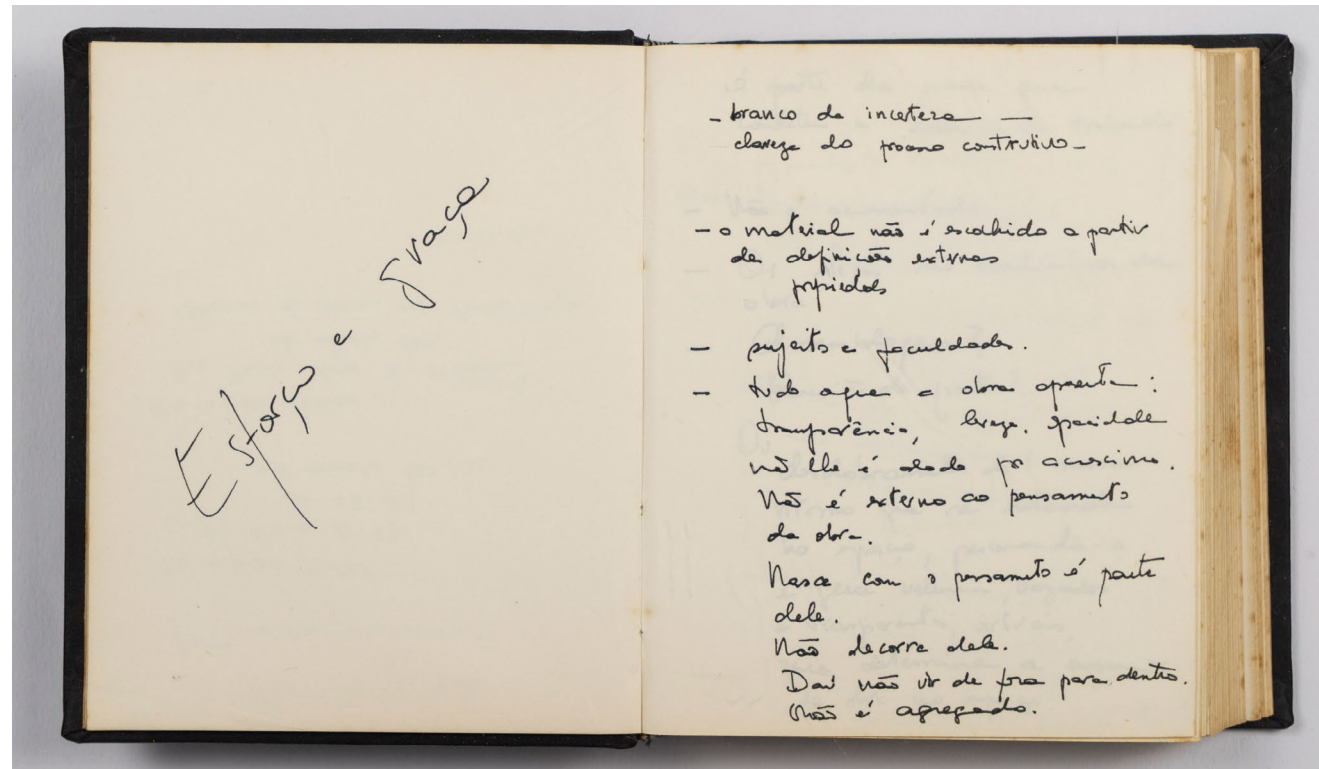
Fundo Iole de Freitas.

Documento: 42257



Fundo Iole de Freitas.

Documento: 42257



Cortei as pontas dos dedos. Dez finos fios de sangue escorreram.

Os canhotos:

Do mindinho, o fino fio pesou ao mundo a gravidade.

Do anelar, o fio foi enrolando-se, com medo de tocar o solo. Inevitável e triste seu destino, não pode evitar cair e pela terra se esparramou. Podemos escutá-lo orando aos ares, desejando sua transformação de líquido em vapor.

O fio do meio, contornou meus pés e determinou-me um lugar.

Pelo indicador, escorreu o sangue que habitava minha mais externa camada de pele, me deixando com uma leve casca.

Do polegar, o fio lançou-se em arco para o céu, desafiando a gravidade do mindinho.

Os destros:

Do polegar esparramou-se sobre o chão vasta
poça, sombra que me segue desde então.

Do indicador pingaram os pontos cardeais
e depois abriu-se corrente para o sul.

O fio do meio saltou com tamanho impulso
que dividiu ao meio um peixe, uma árvore
e uma casa.

Do anelar, fez-se rio que, de pouco em
pouco, cavou seu leito na terra.

Do mindinho, o sangue só escorria no
ínfimo vértice entre minhas inspirações e
expirações. Com tamanha graça e esforço,
que por ele chorei.

PROPOSIÇÕES	<u>Nomes</u>	Etiquete seus bens, atribuindo-lhes uma ironia.
		Etiquete pessoas, atribuindo-lhes uma graça.
		Etiquete lugares, atribuindo-lhes a condição de espaço. Ou vice-versa.

A partir da projeção da sua sombra, cave um buraco para seu corpo repousar.

A partir da projeção da sombra de outro, crie uma fronteira com objetos que estejam ao seu dispor.

Sombra

Pintas

Diagrama das pintas do corpo:

Se tiver papel e caneta, faça um mapa de seu corpo com elas.

Se tiver uma câmera, fotografe uma a uma e depois organize as fotos em um todo.

Se estiver só, nomeie cada uma delas e tente lembrar de seus nomes.

Com água fresca, faça tamanho gargarejo que sua garganta se torne fonte!

Caso esteja ao sol, peça a sua sombra que seja fonte também.

Via

Leque

Em dupla, aberto:

Juntem seus pés. Deem as mãos. Estiquem seus braços e façam formas no contrapeso um do outro.

Em trio, fechado:

Duas das pessoas se juntam em abraço agarrado.

A terceira tenta se inserir e atravessar por entre elas.

Ao entrar em um espaço, tente se esgueirar pelos limites e cantos, depois pode decidir escapulir ou permanecer como a lágrima no canto do olho.

Lágrima

Leito

Encontre uma superfície macia, seja uma cama ou um gramado.

Deite-se como água.

Encontre uma superfície rígida, seja de concreto ou de madeira.

Deite-se como osso.

Com vento:

Junte os pés e as pernas, braços colados ao longo do corpo. Gire em seu eixo até estar diretamente a contravento. Abra a boca e deixe o ar entrar.

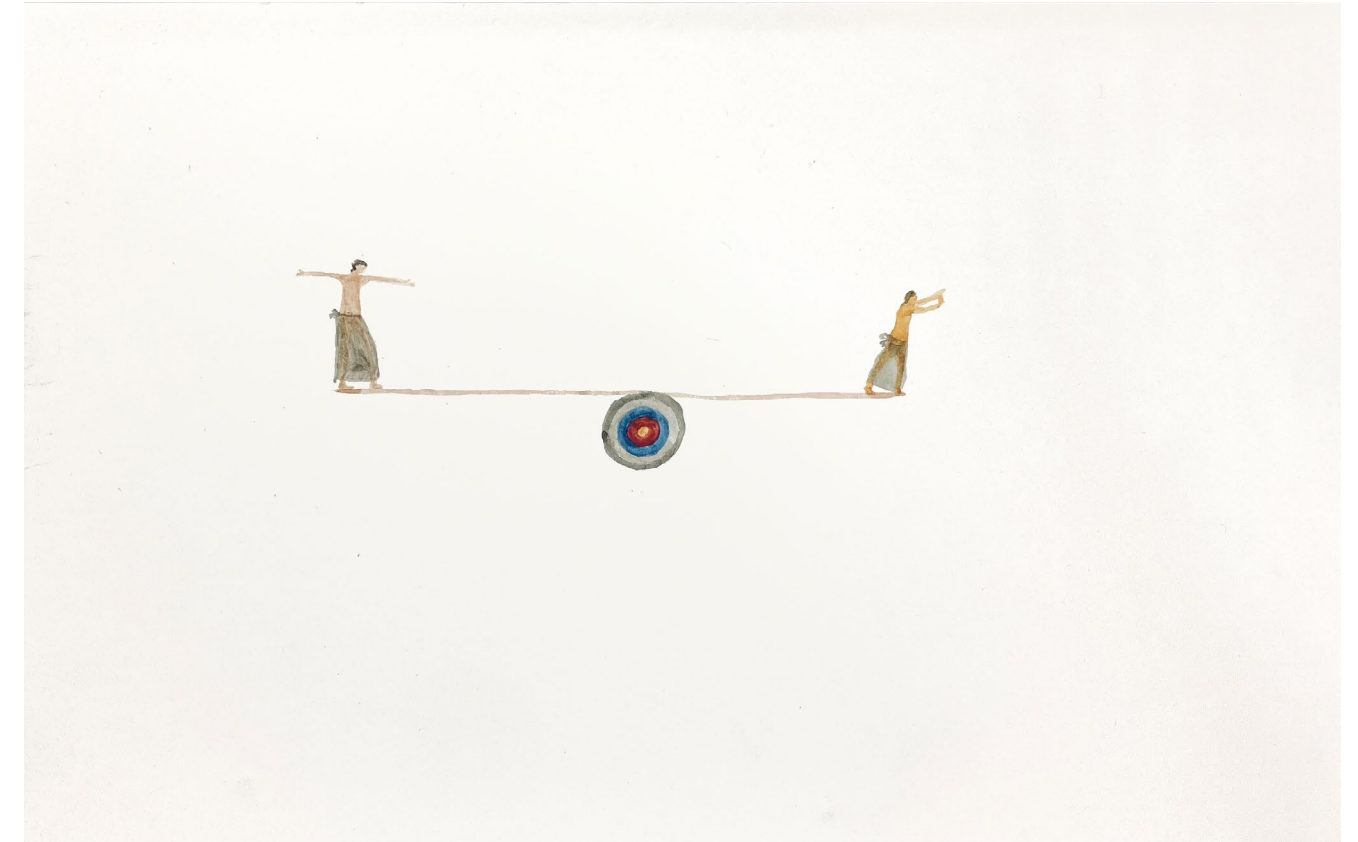
Sem vento:

Mire em um ponto no centro do oco do crânio, acima do céu da boca.

Se projete com os pés e as pernas juntas, bem ereto, em cima desse tal ponto.

Veja e escute o que por ali passa.

Biruta



Equilíbrio

Aquarela sobre papel. 15x23cm



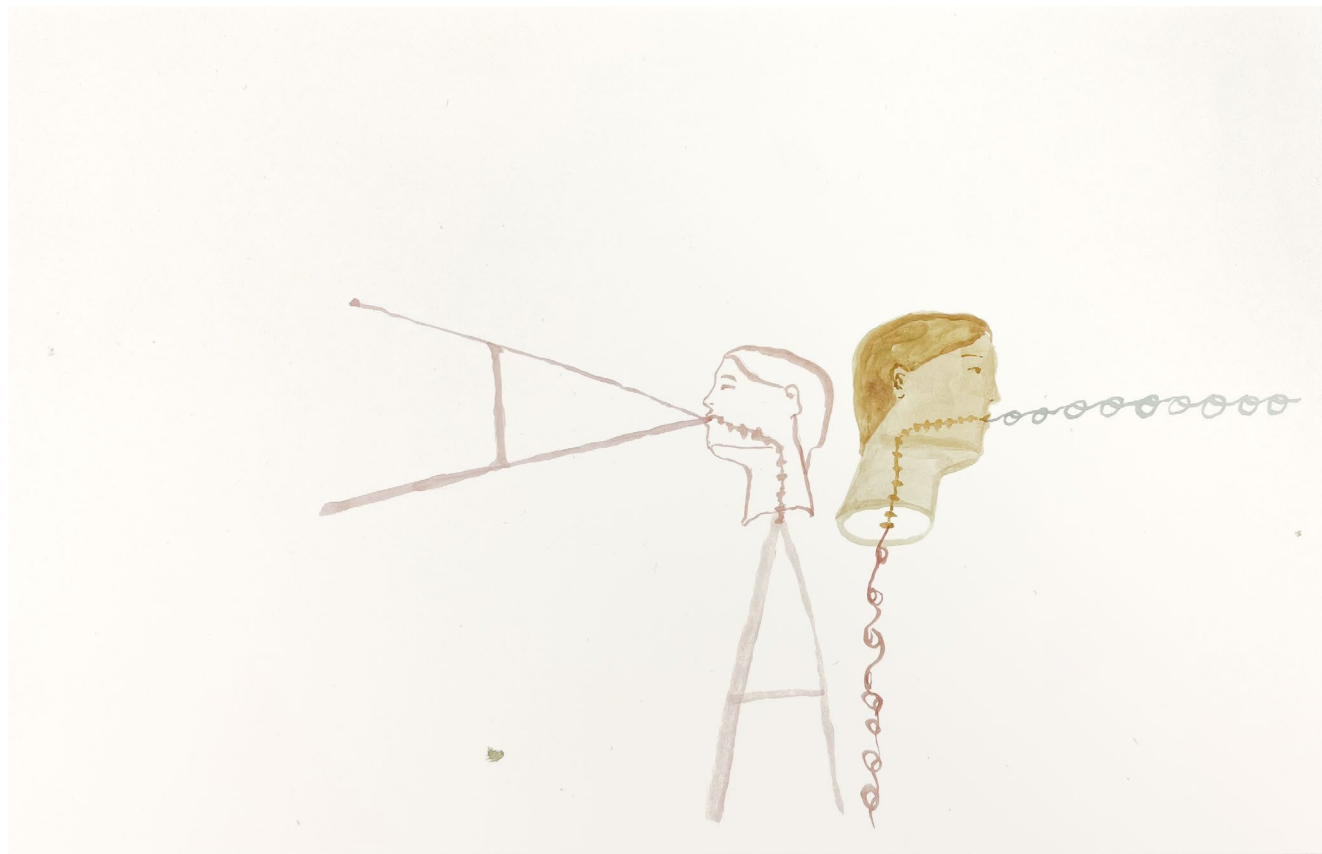
Arco.

Aquarela sobre papel. 15x23cm



Cruzeiro

Aquarela sobre papel. 15x23cm



A e o.

Aquarela sobre papel. 15x23cm



Vértice / hominho

Aquarela sobre papel. 15x23cm



Gravidade.

Aquarela sobre papel. 15x23cm



Fio I

Aquarela sobre papel. 15x23cm



Fio II

Aquarela sobre papel. 15x23cm



Fio III

Aquarela sobre papel. 15x23cm



Beira / hominho

Aquarela sobre papel. 15x23cm



Contrapeso

Aquarela sobre papel. 15x23cm

Cavou um buraco seguindo os contornos da sua sombra. Agachou, desenrolou a coluna e estirou o corpo em seu negativo. Os braços estendidos, as mãos deitadas em seus dorsos, as pernas longas e os dedos dos pés apontando para cima, mesma direção da cabeça, que se mantinha reta e não mais pendia seu peso sobre o pescoço.

A pálpebra fora presa à sobrancelha por uma linha de costura, que passava por elas e se prendia em um cílio e em um pelo, em ambos arrematada com um laço. Eis que seus olhos ficaram abertos, a terra que lhe cercava cortava a sua visão como um antolho a de um cavalo. O olhar perpendicular ao solo acompanhava as nuvens e as constelações que andavam acima.

Com o sol do meio dia e o frio da madrugada, a córnea foi-se envidraçando. O ovo tem sua casca, que separa o mundo seco da liquidez da gema e da clara. Eis que passou a haver em seus olhos uma superfície sólida, que

protegia de maneira símile a íris e a pupila, passando um véu leitoso sobre a visão.

No verão, desceu ali uma cobra serpente que se alinhou entre as pernas, passando sobre o umbigo e apoiando sua cabeça ao longo do pescoço, logo antes do queixo. A sua língua que às vezes escapava trazia cócegas e gotas geladas de uma chuva, que começavam a ser mais frequentes.

A água da chuva escoou para o buraco sedimentos amarelos e vermelhos. Ocre e ferro. O vento dispersou sobre o corpo gravetos, pequenos insetos, e fez rolar pedras. Assim, em camadas fez-se uma rocha.

Apesar de não mais ver, os seus ouvidos ainda escutam as pedras levadas pela correnteza no leito do rio, metros acima. O paço dos animais que bebem d'água e o respirar daqueles que nela vivem, também ressoa em seu corpo, o qual sente o frio

da água fresca tanto quanto imagina sobre sua pele o calor do sol que há tempos não lhe toca.

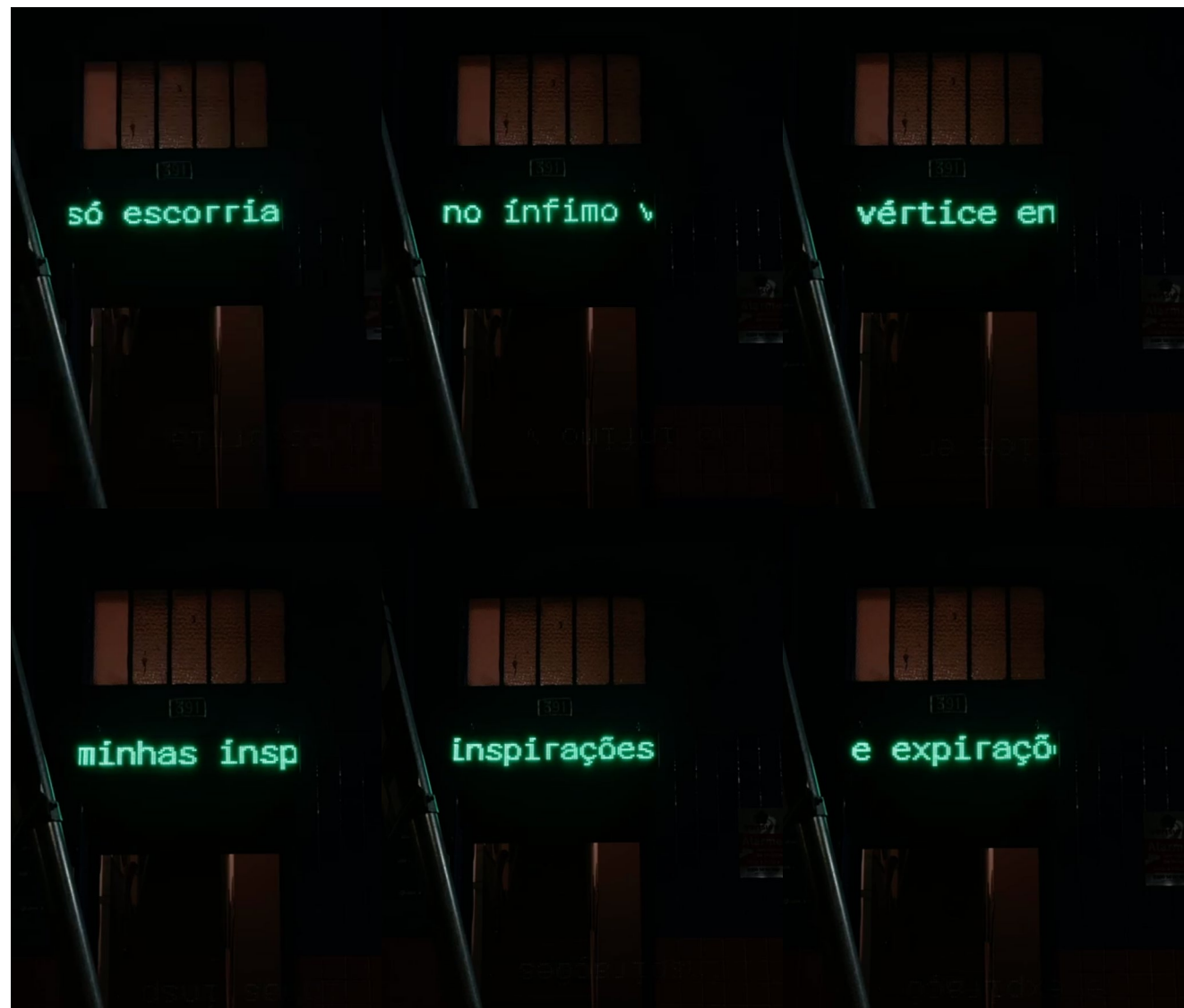
Há medo de que algum xereta bem intencionado encontre a linha imaginária e a quebre.

REGISTROS

Corredeira

Painel de led
com conto.
96 x 16 x 5cm

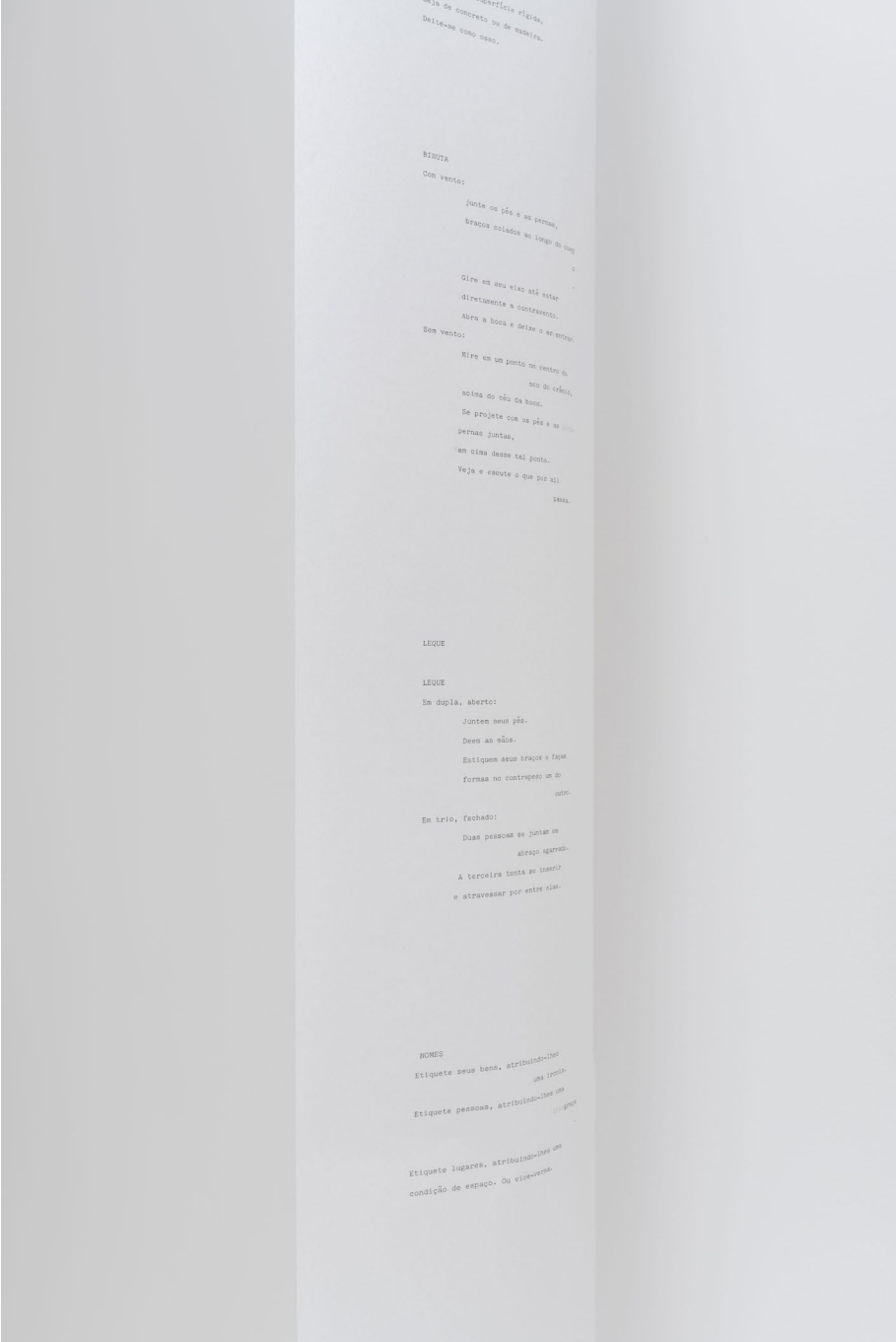




Arco, Fio I, Equilibrio, Vértice I / hominho, A e o, Vértice II, Fio III, Cruzeiro, Gravidade, Beira / hominho, Fio II, Contrapeso (esquerda para direita). proposições desenhadas. Aquarela sobre papel. 15 x 23 (cada)

Pergaminho

8 proposições
datilografadas
em papel.
193 x 30 cm.





Estar-aí

Painel de led com conto. 96 x 16 x 5cm

